

UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO

HERON GUIMARÃES CANHO

**FUTEBOL E SOFT POWER: A influência do esporte
na política externa e o seu papel diplomático nas
Relações Internacionais**

BAURU
2015

HERON GUIMARÃES CANHO

**FUTEBOL E SOFT POWER: A influência do esporte
na política externa e o seu papel diplomático nas
Relações Internacionais**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro de Ciências
Exatas e Sociais Aplicadas da
Universidade do Sagrado Coração
como requisito parcial para obtenção
do título de Bacharel em Relações
Internacionais, sob a orientação da
Profa. Ma. Beatriz Sabia Ferreira
Alves

BAURU

2015

Canho, Heron Guimarães

C222f

Futebol e Soft Power: a influência do esporte na política externa e o seu papel diplomático nas Relações Internacionais / Heron Guimarães Canho. -- 2015.

57f.

Orientadora: Profa. Ma. Beatriz Sabia Ferreira Alves.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade do Sagrado Coração – Bauru – SP.

1. Futebol. 2. Política. 3. Soft Power. 4. Diplomacia. 5. Esporte. I. Alves, Beatriz Sabia Ferreira. II. Título.

HERON GUIMARÃES CANHO

FUTEBOL E SOFT POWER: A influência do esporte na política externa e o seu papel diplomático nas relações internacionais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação da Profa. Ma. Beatriz Sabia Ferreira Alves.

Banca examinadora:

Profa.Ma. Beatriz Sabia Ferreira Alves
Universidade do Sagrado Coração

Profa.Ma. Roberta Cava
Universidade do Sagrado Coração

Prof.Me. Fábio José de Souza
Universidade do Sagrado Coração

Bauru, 09 de dezembro de 2015.

Dedico este trabalho a minha família,
principalmente para minha avó, que
desde pequeno me incentivou e deu o
suporte necessário para estar aqui hoje.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha família que me deu suporte necessário para concluir essa etapa da minha vida.

Agradeço aos meus amigos de faculdade que tenho a certeza levarei para a vida toda, são eles: Caio, Felipe, José Victor, Murilo e Vitor. Sem vocês ao meu lado eu não estaria aqui hoje.

Agradeço também a toda a sala que está se formando conosco, sem vocês esses quatro anos não seriam os mesmos.

Agradeço ao Prof. Me. Daniel Freire e Almeida que nos incentivou e passou todo o conhecimento necessário nos três primeiros anos do nosso curso.

Agradeço a Profa. Ma. Beatriz Sabia Ferreira Alves que além de ter sido nossa excelente professora foi minha orientadora e incentivou a continuar escrevendo sobre o tema escolhido, sem você não seria possível concluir esse trabalho.

Agradeço também aos meus amigos, que fazem parte do meu dia a dia fora da faculdade, sem vocês eu com certeza não chegaria até aqui.

“O Futebol é uma ponte mundial de comunicação e um instrumento de aprendizagem: os olhos cheios de vivacidade das crianças me deram algo que vou guardar por toda vida.” (Birgit Prinz, melhor jogadora de futebol do mundo, alemã, sobre uma visita ao Afeganistão)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a influência do futebol e o esporte na política externa e na diplomacia dos países, explicando de que forma ocorreu a instrumentalização do esporte para os Estados. Sendo usado como ferramenta de *soft Power*, o trabalho busca analisar se ele realmente é efetivo como instrumento de promoção nacional e diplomático. Apresentando exemplos históricos iremos ver diversos momentos em que esporte e política se misturam e conseguem criar uma auto estima coletiva, além de influenciar na identidade nacional dos países. Com isso se reconhece a efetividade do futebol como ferramenta de *soft power*, quando ele passa a ter uma importância maior no cenário internacional, não sendo tratado apenas como um esporte.

Palavras – Chave: Futebol, Política, Soft Power, Diplomacia, Esporte, Instrumentalização.

ABSTRACT

This study aims to analyze the influence of football and sports in foreign policy and diplomacy of countries, explaining how occurred the instrumentalization of sports for the States. Being used as a soft power tool, this work seeks to analyze if it really is effective as tools of national and diplomatic promotion. Presenting historical examples we will see many moments where sport and politics got together and managed to create a collective self-esteem, besides of the influence in the national identity of the countries. With that recognizes the effectiveness of football as a soft power tool, where it now has a greater importance in the international scene, not being treated only as a sport

Keywords: Football, Politics, Soft Power, Diplomacy, Sport, Instrumentalization

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CONCEITUAÇÕES TEÓRICAS E SOCIOLÓGICAS PARA O FUTEBOL NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	13
2.1 SOFT POWER: CONCEITOS, FONTES E LIMITAÇÕES	13
2.2 O FUTEBOL COMO TRADIÇÃO INVENTADA	15
2.3 O FUTEBOL COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL	17
2.3.1 O Futebol e a Inclusão Social	20
3. FUTEBOL COMO FERRAMENTA DIPLOMÁTICA NA POLÍTICA EXTERNA	24
3.1 A PRIMEIRA COPA DO MUNDO	24
3.2 A PRIMEIRA TRANSMISSÃO TELEVISIVA DA COPA EM 1954	26
3.3 A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO ESPORTE	27
3.4 O FUTEBOL UTILIZADO PARA MELHORAR A IMAGEM DO PAÍS	32
3.5 O FUTEBOL E O NAZISMO	36
4. FUTEBOL E O BRASIL: OS EFEITOS DOS GRANDES EVENTOS	40
4.1 O SIGNIFICADO DO FUTEBOL PARA O BRASILEIRO	40
4.2 A COPA DO MUNDO NO BRASIL.....	43
4.3 O FUTEBOL BRASILEIRO É O PÃO E CIRCO POLÍTICO?	50
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	545

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como base demonstrar o papel político e diplomático do Futebol e do esporte ao longo da história e nos dias atuais. O papel do esporte nas relações internacionais tem sido secundário e não tem tido a atenção merecida. Um esporte que está presente em praticamente todos os estados do mundo, onde suas organizações contam com mais membros até que a própria Organização das Nações Unidas, precisa ser levado em conta ainda mais pelo poder e a influência que o uso político e diplomático do esporte pode causar.

Durante a história podemos notar exemplos de ocasiões em que o esporte foi usado para a propagação de regimes e governos, como os jogos olímpicos de Berlim em 1936, quando Adolf Hitler e a cúpula nazista utilizaram-se dos jogos para propagandear o 'sucesso' e superioridade do nazismo, ou até mesmo das Copas do Mundo de 1934 e 1938, quando a Itália se sagrou campeã, com o apoio do seu líder fascista Benito Mussolini, que percebeu no Futebol um instrumento para conseguir o apoio do seu povo e propagandear o sucesso do seu regime para o mundo.

De que modo essa instrumentalização do esporte ocorre, é uma resposta que Nye (2008) nos dá em sua teoria do *Soft Power*, em que explica como o esporte é usado por meio de uma diplomacia cultural e como ele pode influenciar na sociedade em geral, citando como exemplo as Olimpíadas de Pequim em 2008, onde a China começava a despontar como uma das principais economias mundiais e ali nos jogos Olímpicos ela pode aumentar o seu prestígio em âmbito nacional e internacional.

Este tema então tem a proposta de mostrar como o Futebol, o esporte mais popular do mundo, já foi e pode ser muito relevante nas relações internacionais. Além do meio político ele também é usado diplomaticamente, como foi em 2004, na ocasião em que o então presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva enviou a Porto Príncipe, capital do Haiti, a seleção brasileira para um amistoso de paz contra a seleção haitiana. O país que vivia uma intensa e grave crise política e mesmo com o placar adverso de 6x0 a população local ficou em êxtase com a passagem de estrelas da nossa seleção, em uma festa que ficou marcada na memória de cada haitiano presente no estádio ou fora dele. A repercussão internacional causada pela partida que foi transmitida para mais de cem países foi enorme. Essa lógica de utilizar o esporte como instrumento de prestígio internacional se mostra muito

efetiva, uma diplomacia do Futebol passa a ser uma importante peça diplomática e política para influenciar ou melhorar a imagem de um país (Freixo, 2014).

O Objetivo deste estudo é mostrar o tamanho e a relevância do Futebol atual no cenário mundial, onde ele deixa de ser entendido apenas como um esporte e passa a ter uma importância, tanto na política externa, quanto na diplomacia dos Estados.

No capítulo um a preocupação é conceituar o Futebol dentro da teoria do *Soft Power* e explicar desde o surgimento desse esporte até a sua importância para a construção de uma sociedade.

Já no capítulo dois a abordagem passa a ser mais focado em como o Futebol e o esporte contribuíram como uso de ferramenta diplomática e política externa, citando exemplos do passado é possível ver e entender a instrumentalização do esporte.

O último capítulo tem um foco maior no esporte dentro da sociedade Brasileira, explicando o seu significado para o nosso povo e as influências da Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 na nossa política, transformando assim o Futebol em um pão e circo?

2. CONCEITUAÇÕES TEÓRICAS E SOCIOLÓGICAS PARA O FUTEBOL NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

2.1 SOFT POWER: CONCEITOS, FONTES E LIMITAÇÕES

Quando falamos de poder e buscamos o seu significado encontramos o seguinte: Poder é o direito de deliberar, agir e mandar, ou dependendo do contexto, é também você exercer sua autoridade, soberania, a posse de um domínio, da influência ou da força. O professor de Harvard e célebre pensador Joseph Nye, define o poder como “a habilidade de influenciar o comportamento dos outros para conseguir o resultado que se quer.” (NYE, 2004, p. 1-2) Nas Relações Internacionais o conceito de poder que é mais aceito, é de que o poder é a habilidade de obter os resultados desejados, usando de sua influência para obtê-los (NYE, 2004). No sistema internacional essa influência se dá por três meios, que são a coerção, indução e cooptação. É a partir desses três meios que de acordo com Nye, o poder é dividido em dois tipos: o *hard power* e o *soft power*. O *hard power* se refere a meios coercitivos, baseando-se na teoria do realismo. Esse poder usa de métodos militares, pressão econômica e sanções para, assim, coagir os estados a fazer o que for exigido. Já o *soft Power*, por meio da cooptação, tenta influenciar os outros estados por métodos mais brandos como a diplomacia, diálogos e uso de valores culturais para alcançar fins políticos.

Se eu sou persuadido a seguir os seus objetivos sem qualquer ameaça ou troca acontecendo – em resumo, se meu comportamento é determinado por uma atração observável, porém intangível – o soft Power está agindo. Soft Power usa um tipo diferente de moeda (nem força, nem dinheiro) para engendrar cooperação: uma atração a valores em comum e à justiça e dever de contribuir para alcançar esses valores. (NYE, 2004, p. 7).

Portanto, um Estado vai encontrar muito menos barreiras e contestações se o seu poder for introduzido por meio de suas ideologias e culturas, do que se fosse unicamente pela força militar e econômica. Com isso ele se torna uma forma de sedução, pois “a sedução conduz, freqüentemente, a uma certa submissão” (NYE, 2004, p.6). E essa submissão faz com que o Estado não resista e acabe sendo influenciado pelos seus interesses.

Há, de acordo com Nye, três fontes principais do *Soft power*, que são: Cultura, valores políticos e a política externa. Com o mundo hoje em uma globalização sem

limites, muitas barreiras culturais estão sendo quebradas, culturas antes restritas a uma população atingem hoje vários locais do mundo por meios principalmente virtuais e televisivos e uma cultura se torna um meio efetivo de *soft power* quando ela consegue se sobrepôr a outras culturas, como principalmente a cultura americana com seus filmes, marcas de roupas e tecnológicas. Eles conseguem influenciar a maior parte do mundo, com exceção de culturas mais rígidas como as islâmicas. Um exemplo de como a globalização leva a cultura a um meio de *soft Power* eficiente é a referências de marcas mundiais como a Apple, que se você for do outro lado do mundo, tem pessoas usando seus aparelhos, além de personalidades, cantores, jogadores de Futebol, que atraem milhares de pessoas por aonde vão e por onde passam.

A divulgação da marca de um país é a venda da imagem dele no exterior, como se fosse uma maneira de mudar a visão que o restante do mundo tem sobre aquele país, então se projeta uma imagem, de acordo com a identidade cultural mais forte do estado e que consiga se destacar frente à outros Estados, criando essa nova imagem da opinião pública internacional consegue-se atingir certos objetivos, como criar um mercado externo novo e que seja capaz de levar a cultura a se propagar em outros estados, aumentando o uso do *soft power*.

A política externa dos governos também tem influência, e é importante para o uso do *soft Power*. Um governo que prega políticas que não estão de acordo com o que se prega internacionalmente tem seu efeito de influência diminuído, portanto um governo deve possuir uma agenda internacional equilibrada, assim como suas políticas internas e externas, tendo como preocupação assuntos que são de importância mundial e não apenas nacional.

O *soft Power* não é tão usado pelos governos, pois ele não é fácil de ser exercido, sendo um meio a longo prazo, para objetivos mais distantes. Ele é usado as vezes até de forma acidental. Por vezes um Estado percebe que sua cultura exerce uma influência no exterior, ele passa a explorar essa ferramenta como imagem e facilitação para se infiltrar nas relações internacionais, como por exemplo, o carnaval e o Futebol no Brasil, que são utilizados como meios de propagação da cultura brasileira mundo afora e que servem para influenciar e atrair pessoas para o país e até para mascarar problemas internos políticos e sociais, pois assim o governo consegue promover uma boa imagem do país como marca. Assim a

construção de uma nova imagem positiva para o país já é suficiente para aumentar o *soft power*.

Colocando o a diplomacia esportiva como meio de *soft power* temos a busca pelos estados por meio da atração que grandes eventos esportivos podem trazer, já que eles se tornam vitrines internacionais, sendo transmitidos para milhões de pessoas e atraindo no setor turístico milhões de visitantes para o país sede de tais eventos. Essa vitrine internacional tem um poder de influência muito bom pois além de divulgarem a imagem do Estado, ainda podem atrair investimentos futuros, sendo a longo prazo uma importante ferramenta de poder brando.

Compreendendo a importância que o esporte tem hoje nas relações internacionais, o governo brasileiro vem tentando utilizar na sua política externa o esporte, e principalmente o Futebol, como uma ferramenta de *soft power*. Como exemplo temos o ano de 2004, em que a seleção brasileira de Futebol foi enviada para um amistoso de paz no Haiti, em parceria com a Federação Internacional de Futebol (FIFA), com o objetivo de criar uma imagem positiva do Brasil e mostrar de certa forma que estamos atentos e ativos a participar dos problemas internacionais, por meio de uma “diplomacia da bola.”

Observando o forte apelo que o Futebol brasileiro tem no mundo, em 2008, houve a criação da Coordenação-Geral de Intercâmbio e Cooperação Esportiva (CGCE) no ministério das Relações Exteriores e de certa forma isso institucionalizou o esporte como um eixo de *soft power* na política externa brasileira, tendo como objetivo projetar a imagem do país por meio talvez de nosso maior apelo de cultura nacional, seguindo as palavras do embaixador Roberto Jaguaribe, “ o melhor embaixador do Brasil é o Futebol” (RESENDE, 2000).

2.2 O FUTEBOL COMO TRADIÇÃO INVENTADA

Para um melhor entendimento do Futebol e como ele surgiu, vamos entender o conceito de tradição inventada. Segundo a definição de Hobsbawn e Ranger no livro *A Invenção das Tradições*: “Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento por meio da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado.” (HOBSBAWN&RANGER, 1997, p.5).

O Futebol como tradição inventada está intimamente ligado à construção social e ao nacionalismo.

Até hoje não se tem muita certeza de quando exatamente surgiu o Futebol, pois há vestígios que historiadores descobriram que já existiam jogos com bola em antigas civilizações, como persas, gregos, astecas, etc. Porém não se caracteriza isso como a origem do Futebol por esses jogos com bola não terem regras como temos hoje, mas isso já nos mostra o interesse do homem pela bola desde a Antiguidade. Devido à expansão imperial, o jogo foi difundido principalmente pela Europa Ocidental, tendo surgido como o conhecemos hoje na Inglaterra, na segunda metade do século XIX, quando foram adicionadas regras fixas e universais para o jogo.

Portanto foi em 1863, em uma conferência em Cambridge, onde se estabeleceu um código universal de regras para o Futebol, e a partir daí os seguidores ingleses criaram o *The Football Association*, um órgão que até hoje faz parte como assessor da FIFA. O Futebol, como é conhecido para nós, tomou fama e se espalhou na Europa, principalmente nas Ilhas Britânicas, um esporte que no início foi mais praticado nas escolas de elite e depois se popularizou de tal maneira, que durante o século XX se tornou o esporte mais praticado no mundo.

No Brasil o Futebol chegou ao final do século XIX. Existem outras versões de quem foi o introdutor do Futebol no Brasil, porém a mais aceita é a de Charles W. Miller, um paulistano que era descendente de britânicos e que conheceu o Futebol após alguns anos de estudo em Londres e desembarcou no Brasil em 1894. No começo, assim como na Inglaterra, o esporte era mais elitizado, mas após algum tempo ele foi se popularizando, principalmente entre operários e trabalhadores, que na época começavam a ter suas conquistas trabalhistas como a redução na jornada de trabalho, assim ampliando seus horários de descanso e lazer, esse foi um fator muito importante para popularizar o esporte.

Quando desembarcou de volta ao Brasil em 1894, Charles Miller se surpreendeu ao descobrir que ninguém praticava o esporte bretão por aqui. Sorte que trouxera duas bolas, uma agulha, uma bomba de ar e dois uniformes. Começou então a catequizar seus companheiros de trabalho e de críquete - altos funcionários da Companhia de Gás, do Banco de Londres e Ferrovia São Paulo Railway, fundando o primeiro clube de futebol do Brasil, o São Paulo Athletic, clube que congregava os britânicos residentes em São Paulo. (BERTUOL&CALÇADO,2010, p. 3)

Quanto mais o Futebol crescia, menos elitizado e mais popular ele se tornava, como exemplo temos a primeira final da FA CUP (torneio popular de Futebol inglês), disputada em 1887, em que 27mil pessoas estavam torcendo. Já em 1901 o público aumentou para 110 mil pessoas (Agostino, 2002, p.23). Em poucos anos, o Futebol deixou de ser para poucos e se tornou popular nos quatro cantos do mundo.

De modo que nós que frequentamos uma Academia, temos uma posição na sociedade, fazemos a barba no Salão Naval, jantamos na Rotisserie, frequentamos as conferências literárias. Somos obrigados a jogar com um operário, limador, torneiro mecânico, motorista e profissões outras que absolutamente não estão em relação com o meio onde vivemos. Neste caso a prática do esporte torna-se um suplício, um sacrifício, ao invés de uma diversão. (GALEANO, 2004, p.39).

Algumas características se enquadram e mostram o porquê do Futebol ser uma tradição inventada. Nota-se a ligação entre o esporte e o nacionalismo exacerbado, em um trecho das crônicas de Nelson Rodrigues.

Até o Armando Nogueira, que separa o Brasil do escrete, a pátria do futebol, pingava patriotismo. Com esporas e penacho, e mais uns bigodões, ele seria um autêntico dragão de Pedro Américo. E nenhum de nós ficava atrás, nos arrancos de civismo. Então, no meu canto, eu descobri o óbvio ensurdecador, ou seja: - que o ressentimento funda uma nação. Nunca fomos tão brasileiros, tão Brasil. (RODRIGUES, 1994, p. 28)

2.3 O FUTEBOL COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

Em um censo realizado pela Fifa, em 2000, estima-se que em todo o mundo há cerca de 240 milhões de pessoas que praticam o Futebol, de ambos os sexos e que sejam profissionais ou não, e mais de 5 milhões de pessoas envolvidas em atividades que são diretamente ligadas ao Futebol. Um esporte que envolve números tão exorbitantes pode-se dizer que é um dos mais importantes fenômenos sociais da contemporaneidade e que, além disso, é usado também como instrumento político por pessoas ou governos, ou servindo de elemento de *soft power* no cenário diplomático de diversos países, o Futebol de fato é muito mais do que apenas um jogo.

O Futebol está diretamente ligado ao nacionalismo, principalmente nesse processo de construção social. Como exemplo podemos citar casos como os do Real Sociedad e do Athletic Bilbao, que são dois times espanhóis, porém são situados no território do país Basco, que é uma região autônoma da Espanha com

um forte movimento separatista. Eles adotam e adotaram durante muito tempo a prática da *Cantera*, ou seja, só jogariam em seus times atletas que fossem nascidos na região. Tal prática foi vista como um símbolo da resistência nacional Basca, principalmente por ter sido adotada durante o período da ditadura franquista (1939-75). Até hoje essa prática é usada pelo Athletic Bilbao, o time só aceita estrangeiros que tenham origem Basca ou que tenham sido educados nessa cultura, já o Real Sociedad desde 1989 admite jogadores de outras nacionalidades.

Outro caso de construção social na Espanha também é o do Fútbol Club Barcelona, time mundialmente conhecido e que hoje tem milhões de fãs espalhados pelos quatro cantos do mundo, um time que é totalmente ligado ao nacionalismo catalão e mostra isso de várias formas, seja por gestos simbólicos, pelo seu segundo uniforme que, por diversas vezes, foi em homenagem as cores da bandeira catalã ou até pela braçadeira de capitão. Essa ligação ocorreu na época da ditadura direitista de Primo de Rivera, em que ele proibiu as línguas locais, tirou a autonomia catalã e fechou o clube por seis meses. A partir daí houve uma tendência a apoio de grupos da esquerda, quando o Barcelona passou a ter maior envolvimento na política, principalmente após o golpe de estado de direita, liderado pelo general Francisco Franco. Assim, o Barcelona se tornou um ícone da resistência republicana ao golpe da extrema direita.

Inclusive, atualmente a Catalunha passa por um processo de independência que, caso se concretize, traria diversos problemas para o Barcelona e seu Futebol, sendo proibido de fazer parte do rico e famoso campeonato espanhol, para disputar um campeonato nacional catalão e com a proibição de participar da UEFA *Champions League*. São questões políticas sociais que podem interferir no Futebol e em milhares de apaixonados pelo Barcelona.

No Brasil, o Futebol teve um papel importantíssimo no que se refere à construção social. Em 1985, logo que o Futebol chegou ao Brasil, os primeiros clubes começaram a se formar e restritamente a elite branca poderia participar desses jogos, pois para a sua prática foi imposto um critério conhecido como “amadorismo”. O grau de amador só poderia ser dado àquelas pessoas que dedicassem mais tempo ao esporte do que um operário poderia se dedicar, com isso houve ai uma elitização do esporte.

O futebol, no início do século, era jogado por brancos e filhos das melhores famílias da sociedade. Dessa forma, estudantes das Faculdades e Academias começaram a ter gosto pelo novo esporte, que acabou se projetando em todo o Brasil. (BERTUOL&CALÇADO,2010, p. 3)

Porém enquanto as classes mais altas usavam suas roupas e bolas importadas da Inglaterra, especialmente desenvolvidas para o Futebol, a população de baixa renda começou a improvisar campos, bolas e jogando de pés descalços. O esporte já virava uma tendência nacional, como Frank P. Alves Oliveira nos explica:

Desde sua introdução no Brasil em fins do século passado, e a despeito de seu caráter elitista, o futebol não parou de se expandir. Enquanto nos clubs, nos colégios e nos primeiros estádios os filhos de uma pretensa aristocracia paramentavam-se todos com uniformes, calçados especiais e manuais ingleses que ensinavam a praticar o novo esporte, aqueles que estavam do outro lado dos muros logo passaram a improvisar suas próprias partidas em terrenos baldios ou mesmo na própria rua, descalços e sem camisas a chutar uma bola, geralmente tão improvisada quanto a própria peleja. (OLIVEIRA, 2002, p. 11)

Tomando como exemplo a Inglaterra, onde a profissionalização do esporte foi essencial para sua popularização em todas as classes, no Brasil a profissionalização só ocorreu devido a vários atletas começarem a emigrar para países, que pagavam salários mensais.

Porém até atingir esse ponto, o Brasil passou pelo chamado “profissionalismo marrom”, que ocorreu em algumas ligas alternativas, principalmente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. Essas ligas permitiam a presença de negros e operários e pagavam premiações por vitórias ou, pelo menos, flexibilizavam os horários de trabalhos, para que seus atletas pudessem se dedicar mais ao Futebol podendo treinar e exigindo menos esforços nos seus cargos de trabalho.

A partir daí observa-se que o Futebol foi ficando cada vez mais sério e a tendência seria de uma profissionalização correta, com normas e regras, conforme já estava ocorrendo em outros países como Itália e Espanha. Após vários conflitos de interesses entre classes sociais, jogadores e clubes, o Futebol brasileiro acabou se profissionalizando.

No final da década de 20, os favoráveis a tal proposta defendiam-na como uma forma de regularizar uma situação que na prática efetivamente existia, uma vez que boa parte dos atletas não era mais totalmente amadora, configurando uma situação chamada pelos jornais da época de "falso amadorismo" ou "profissionalismo marrom". Por outro lado, o coro dos contrários replicava com o temor de que o salário acabaria com o "romantismo" dos amadores, subvertendo o "ideal olímpico"; na verdade, a defesa do amadorismo era também a defesa de uma posição de classe, já que mantê-lo significava manter o povo à distância daquilo que, segundo a elite, não lhe pertencia. (OLIVEIRA, 2002, p. 13.)

Com a popularização, o Futebol se tornou um importante instrumento de socialização das classes populares, principalmente entre negros e mestiços e a partir de sua profissionalização, o chamado preconceito do "amadorismo" foi por água abaixo.

O Futebol, além da união das classes, é importante até hoje em relação ao preconceito que existe na sociedade. Mário Filho, que é o criador do livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, aborda muito bem a origem desse tema, o tabu começou a ser quebrado quando em 1923, o clube de Futebol C.R. Vasco da Gama conquistou o título do campeonato carioca, essa equipe era formada por jogadores negros, mulatos e brancos oriundos de classes populares, enfrentando e vencendo equipes que eram formadas apenas por brancos. Isso causou uma forte reação dos clubes da elite, que se revoltaram, porém sem efeito, pois isso gerou uma mudança de paradigma não só para o Futebol como para a sociedade e em pouco tempo e principalmente após a profissionalização, nenhum clube já poderia se dar ao luxo de abdicar de ter em seu time atletas de origem popular.

Com isso, vemos no Futebol um importante objeto para a construção de um espaço na sociedade, nesse caso do negro no Futebol, abriu-se um caminho para a democratização das relações raciais e a ascensão social de negros e mestiços, porém não se pode deixar de comentar que até hoje o racismo persiste tanto na sociedade quanto no Futebol, em níveis diferentes de outras épocas, porém ainda existentes.

2.3.1 O Futebol e a inclusão social

O Futebol, desde sua origem no Brasil, teve como principais praticantes, a colônia britânica e a elite brasileira, uma classe conservadora e que não aceitava se

misturar com outras classes na prática do esporte. Principalmente com a adoção da educação física nas escolas que os filhos das classes conservadoras frequentavam, o Futebol virou um símbolo da elite. “Por se tratar de um esporte elitizado que dava status, os próprios pais de alunos faziam um tipo de pressão para que os colégios incluíssem o Futebol nas práticas esportivas” (CALDAS, 1994, p. 42).

E assim, a partir dessa elite, surgiram clubes como o São Paulo Athletic e o Fluminense Football Club. No Rio de Janeiro surgiu o The Bangu Athletic que apesar de ser fundado por altos funcionários ingleses da Cia. Progresso Industrial do Brasil, aos poucos foi incorporando operários ao seu time de Futebol, até pela necessidade de conseguir o número mínimo de jogadores para a disputa das partidas. (FREIXO, 2014).

Com o crescimento e a popularização do esporte, o Futebol passou a não ser um lazer exclusivo dos mais bem favorecidos e se tornou uma paixão popular, o que fez com que ele se transformasse em um importante instrumento de socialização entre as classes populares, especialmente negros e mestiços. É exatamente aí que Gilberto Freyre cita em sua teoria que o Brasil começou a desenvolver um estilo próprio de jogo, oriundo das condições precárias e da leveza e intuição dos jogadores, que não se atinham as regras e a rigidez de como a elite praticava o esporte. (FREIXO, 2014)

A popularização do negro no Futebol começou graças aos times do Rio de Janeiro primeiramente, o Bangu em 1905 colocou em campo o primeiro negro no Futebol brasileiro, o operário Francisco Carregal. Em 1923, o clube carioca C.R. Vasco da Gama, foi campeão carioca com um time formado por negros, mulatos e brancos pobres, é onde se inicia uma revolução no Futebol brasileiro, apesar de clubes da elite se revoltarem contra a equipe carioca, eles não podiam negar o sucesso que a inclusão do negro causou no título carioca, houve ali um processo irreversível, que em pouco tempo acabaria se tornando natural. (MÁRIO FILHO, 2003)

Assim como o Bangu, porém, no estado de São Paulo, o Corinthians, clube fundado em 1910 por trabalhadores do Bom Retiro de diferentes profissões, passou a dar espaços para negros e brancos em campo, aqui ele passou a ser conhecido como é até hoje, o “time do povo”.

Porém, foi a partir do profissionalismo no Futebol brasileiro que houve efetivamente a entrada de negros e pessoas pobres no Futebol, primeiramente a

profissionalização ocorreu em países da Europa, que passaram a assediar jogadores brasileiros e sul americanos com empregos remunerados para praticar o esporte, com uma massiva saída de atletas para o exterior, foi inevitável adotar da mesma prática por aqui, ocasionando assim a profissionalização no Futebol brasileiro.

Mesmo com o receio da elite com a profissionalização, ganhar dinheiro com o Futebol era uma grande oportunidade para os negros, e era entre eles que estavam os melhores jogadores, foi ai que surgiram os primeiros grandes ídolos brasileiros desse esporte, como: Leônidas da Silva, Domingos da Guia, Fausto, craques que tinham saído para o exterior em troca de salários e que agora estavam retornando ao Brasil. “Não admira, portanto que um time quase inteiramente de pretos fosse campeão de 1933. Para se ter uma ideia eram oito mulatos e pretos no time do Bangu” (MÁRIO FILHO, 2003, p. 52).

O título do Bangu, portanto foi a prova de que a integração que tomou conta do Futebol a partir do profissionalismo, foi tão importante quanto o título do Vasco da Gama dez anos antes. “Para além das paixões clubísticas, a democratização da prática do Futebol, materializada na ascensão de jogadores negros e mestiços, permitiu que esse esporte viesse ocupar uma posição central na construção da identidade nacional”, analisa o cientista político Luis Fernandes, no prefácio da edição de 2003 de *O Negro no Futebol Brasileiro*, (MÁRIO FILHO, 2003, p. 78).

Com a entrada dos negros e mestiços, a melhora na qualidade do Futebol no Brasil foi notável, o que foi premiado com o sucesso da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938, o time de Leônidas da Silva, onde mostraram um Futebol envolvente, de ginga e técnica, que ficou marcado como um estilo único brasileiro, e apesar do preconceito forte existente na época, a mentalidade da sociedade em geral também começava a mudar. Não podemos deixar de destacar que o Rei do Futebol, considerado pela maioria o maior jogador de Futebol de todos os tempos, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, era negro e contribuiu muito para dispersar o preconceito na época, com suas jogadas magistrais levou a seleção a conquista de três Copas do Mundo, em 1958 quando tinha 17 anos, em 1962 e a mais marcante de todas, em 1970.

A partir desses relatos podemos ver como o Futebol pôde contribuir para uma construção da sociedade e a criação de uma identidade nacional, mesmo com vários preconceitos sociais, o esporte conseguiu amenizar as diferenças e foi de extrema

importância na introdução dos negros, mestiços e classes menos favorecidas na sociedade brasileira. As pessoas a partir dos jogos e das grandes atuações de negros e mestiços, conseguiram passar a admirar e aplaudir pessoas, que antes sequer eram respeitadas, apesar de até nos dias de hoje acontecerem casos isolados de racismo no Futebol, no Brasil e no mundo, o esporte como um todo honra e incentiva a cultura da igualdade e respeito entre todos os povos, independente de etnia, religião ou classe social.

Um esporte que consegue misturar atletas e torcedores de todos os tipos em torno de uma paixão pelo mesmo clube ou pela mesma seleção, e que foi capaz de unir povos que sempre viveram em guerra, mesmo que seja apenas para uma partida em 90 minutos, nos mostra que todos somos iguais.

3. FUTEBOL COMO FERRAMENTA DIPLOMÁTICA NA POLÍTICA EXTERNA

3.1 A PRIMEIRA COPA DO MUNDO

Com a popularização do esporte no mundo e a criação da FIFA em 1904, seria questão de tempo para se criar um torneio de âmbito global, e foi Jules Rimet, o francês que presidiu a FIFA entre os anos de 1921 e 1954, que foi o idealizador e organizou a primeira Copa do Mundo de Futebol da história, ele tinha por objetivo unir os povos do mundo todo em torno do Futebol.

A primeira partida internacional de Futebol ocorreu em 1872 entre Inglaterra e Escócia, em uma época em que o Futebol raramente era praticado fora do Reino Unido. A partir da criação da FIFA, o Futebol teve uma enorme expansão, principalmente dentre os países fundadores, que eram a França, Bélgica, Dinamarca, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça. Uma curiosidade é que a Inglaterra, o país berço do Futebol, entrou na entidade apenas um ano depois de sua criação.

Com a criação da FIFA e o aumento da prática do Futebol, ele foi cotado para a participação nos Jogos Olímpicos de Verão; nas edições de 1900, 1904 e 1906, porém teve sua participação apenas como um esporte de demonstração, sem direito a medalhas. A partir de 1908, o Futebol foi introduzido oficialmente como esporte nos Jogos Olímpicos de Verão, oito equipes se inscreveram nessa edição e a Seleção amadora da Inglaterra se sagrou campeã. Como os Jogos Olímpicos eram disputados apenas por seleções amadoras, os torneios com equipes profissionais começaram a surgir. Em 1908 foi realizado em Turim na Itália o “Torneo Internazionale Stampa Sportiva” e no ano seguinte, o torneio “Troféu Sir Thomas Lipton”, por esses torneios terem sido disputados por clubes como representantes dos países e não por seleções, eles não são considerados como antecessores a Copa do Mundo.

Antes de ser eleito na FIFA, Jules Rimet foi eleito presidente da Federação Francesa de Futebol no ano de 1919. Anos antes ele já havia tentado organizar projetos para criar uma competição de Futebol entre vários países do mundo, porém teve como empecilho a primeira Guerra Mundial que ocorreu entre 1914 e 1918. Uma curiosidade na Primeira Guerra ficou conhecida como a Trégua de Natal. Ela ocorreu uma semana antes do natal no ano de 1914, onde soldados alemães e britânicos trocaram saudações festivas, canções e até presentes entre suas trincheiras, as tropas em certo momento ainda se encontraram e jogaram partidas

de Futebol, em um dos momentos mais simbólicos de paz e humanidade em meio a uma guerra.

Após ser eleito presidente da FIFA, Rimet chegou ao cargo com o objetivo maior de conseguir realizar uma Copa do Mundo, principalmente após o fim da primeira Guerra Mundial, ele tentou mostrar e utilizar o esporte como um meio de diplomacia entre os países, com foco naqueles que estavam em conflito, porém os países que eram rivais dificilmente aceitavam se enfrentar. Os jogos Olímpicos de 1924 mostraram que essa diplomacia do Futebol seria possível, o esporte foi um sucesso nessa edição principalmente com a seleção do Uruguai, que foi campeã e encantou os espectadores, mostrando ao mundo que havia também na América do Sul amantes desse esporte, foi após isso que Rimet se interessou e cotou o Uruguai para ser o anfitrião da primeira Copa do Mundo.

Após ter acordado com o embaixador uruguaio a realização do torneio no país, eles precisariam convencer os demais membros da FIFA e, para isso, elaboraram um projeto muito bem estruturado, principalmente no aspecto financeiro, em que, para a FIFA, não haveria nenhum prejuízo, além do Uruguai bancar os custos da viagem e hospedagem dos países participantes. Foram escolhidas pela FIFA treze equipes para participarem, eram elas: Uruguai, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Peru (América do Sul) México e Estados Unidos (América do Norte) e Bélgica, França, Iugoslávia e Romênia (Europa). Só não tivemos mais países do continente europeu devido à dificuldade de locomoção para o país sede, sendo que as viagens na época eram feitas a navio e o Uruguai era do outro lado do oceano atlântico.

A seleção Brasileira, que já possuía alguns craques jogando em nosso território, não apresentou uma primeira boa impressão em Copas do Mundo. Capital do Brasil na época, o Rio de Janeiro era o principal centro econômico, social e cultural do país, já São Paulo crescia cada vez mais, graças a sua economia baseada principalmente no café, assumindo assim o comando político do país. Essa rivalidade cresceu tanto que chegou até o Futebol, onde a Confederação Brasileira de Desportos (entidade originária da CBF) não convidou membros da Associação Paulista de Futebol para integrar a comissão técnica que iria ao Uruguai, não aprovando tal atitude a Associação Paulista proibiu os clubes de Futebol do estado de São Paulo a liberar atletas para a seleção, apenas um jogador, o atacante Araken Patuska, que estava brigado na época com o Santos foi a Copa do mundo.

Com a perda de alguns dos seus melhores jogadores, a seleção Brasileira teve uma derrota na estreia para a Iugoslávia e uma vitória contra a Bolívia no segundo jogo, sendo assim eliminada na primeira fase da Copa do Mundo.

Para a realização da competição o Uruguai construiu um magnífico estádio, o estádio Centenário, nome em homenagem aos 100 anos da primeira constituição do Uruguai, ele sediou a maiorias das partidas da competição, incluindo a final para 108 mil pessoas, entre Argentina e Uruguai, onde a seleção do Uruguai saiu vitoriosa por 4x2 e ganharam a primeira taça da Copa do Mundo, feita de ouro e que posteriormente foi chamada de Jules Rimet, em homenagem ao presidente da FIFA, que idealizou e conseguiu realizar a primeira Copa do Mundo.

3.2 A PRIMEIRA TRANSMISSÃO TELEVISIVA DA COPA EM 1954

A Copa do Mundo de 1954 foi apenas a segunda Copa após o fim da Segunda Guerra Mundial e foi importante, pois foi a primeira em solo europeu após a guerra, com a Europa ainda se recuperando, principalmente no que diz respeito à infra-estrutura. A sede de 1954 foi escolhida na Suíça, o motivo alegado foi em comemoração aos 50 anos de existência da FIFA e sua sede sendo na Suíça foi justo a escolha do país como sede da copa, porém foi também porque a Suíça foi um dos poucos países europeus ilesos da guerra, então não precisou praticamente de nenhuma reforma para sediar os jogos, apenas uma pequena reforma em um de seus estádios.

Essa edição da copa obteve até então o recorde da época de países participantes, enquanto no Brasil em 1950 houve uma série de desistências devido a distancia, na Suíça teve o alto número de 38 participantes, foram sentidas apenas duas ausências de “peso”, a Argentina de Di Stéfano e a União Soviética, que teve sua seleção dissolvida pelo governo socialista.

Um dos pontos importantes dessa Copa do Mundo é o ressurgimento da Alemanha, após ver seu país devastado nas duas grandes guerras, o seu povo pode finalmente ter uma grande alegria após décadas. Depois da guerra, a Alemanha estava acabada em todos âmbitos, político, econômico, moral e estrutural, até o Futebol não ficou de fora, sendo que como punição de guerra sua seleção foi expulsa da FIFA e ficou assim impedida de participar das eliminatórias da copa de 1950 e conseqüentemente não pode participar do torneio. Contudo, após isso a

Alemanha ocidental foi reintegrada e participou das eliminatórias e se classificou para o mundial de 1954.

Apesar da destruição causada pela guerra, peladas sempre existiam no território alemão. Em 1948, com a reforma monetária deu-se início o milagre econômico, porém essa esperança não chegou ao Futebol e a seleção iniciou o mundial sem grandes expectativas, apesar de caírem no grupo da seleção mais temida da época – a Hungria – a seleção alemã conseguiu a classificação e foi caminhando até chegar à final da copa, justamente contra a Hungria que era a atual campeã olímpica. Em um dia atípico que ficou conhecido até hoje como o maior milagre das copas, o “Milagre de Berna”, o jogo começou e em 9 minutos a Hungria já vencia por 2x0, foi aí que a chuva começou a castigar a partida e favorecer o jogo físico dos alemães e para a surpresa de todos à Alemanha ocidental conseguiu uma praticamente impossível virada para 3x2 e se tornou campeã do mundo, devolvendo assim pelo menos um pouco de orgulho para seu povo, arrasado e castigado pela guerra e suas punições.

Como principal ponto de destaque fora das quatro linhas, a Copa do Mundo de 1954 foi a primeira a ter suas partidas transmitidas na televisão, que inventada em 1925, mas só começou a ser usada mesmo após a Segunda Guerra. A transmissão da copa do mundo foi ao vivo e em preto e branco e chegou até oito países: Bélgica, Alemanha, França, Inglaterra, Itália, Suíça, Dinamarca e Holanda. Estes dois últimos que nem chegaram a disputar o mundial. Ao todo quatro milhões de aparelhos captaram e transmitiram os jogos e a FIFA pela primeira vez fez um filme oficial da copa do mundo.

3.3 A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO ESPORTE

Com o passar do tempo, o Futebol se espalhou pelos quatro cantos do mundo e virou paixão nacional em vários países. Aproveitando-se disso os governos começaram a enxergar nele um instrumento político utilizado para controle de manipulação popular. A conexão e a simplicidade do Futebol com o povo acabam por misturar, interesses políticos e movimentos sociais com simples partidas de Futebol entre times ou seleções.

Desde o momento em que governos perceberam a mobilização das massas em torno do esporte e principalmente do Futebol, ele se caracterizou como um

instrumento político. Usando-se o *soft power*, o Futebol historicamente foi importante em vários momentos, principalmente no período da Segunda Guerra Mundial, ele foi usado em vários momentos para enaltecer regimes políticos, como se a vitória no Futebol fosse à vitória de um regime sobre o outro, porém o uso político do Futebol e dos esportes não é privilégio desses regimes, hoje em dia vemos nos noticiários imagens de chefes de Estado de países democráticos recebendo seleções ou atletas que se destacam em suas modalidades, isso se deve principalmente ao fato de que em uma sociedade globalizada e midiática como a atual, esses atletas com suas conquistas passam a ser elevados a condição de heróis nacionais e para os políticos, governantes, unirem a eles, acaba sendo uma forma de aumentar sua própria popularidade perante a sociedade.

Partindo desse princípio, vemos que a diplomacia cultural desempenha um papel muito importante na política externa dos estados, sendo o Futebol um importante elemento, além da construção dessa imagem positiva no exterior, ele é também usado para a consolidação de uma identidade nacional. “Um papel ancilar do esporte pode ser caracterizado como um recurso da diplomacia” (VASCONCELLOS, 2011, p.52), como comprova os EUA e a antiga União Soviética, que historicamente tem uma tradição de manipulação de resultados nos esportes para fins diplomáticos.

Na Guerra Fria, tivemos o esporte como uma arma ideológica, o conflito que dividiu o mundo em dois polos, de um lado os EUA e o capitalismo, do outro a antiga URSS e o socialismo. A Guerra Fria foi caracterizada como uma corrida armamentista onde os dois blocos competiam no poderio nuclear e foi praticamente um combate de tensões e pressões políticas. O objetivo estratégico dos EUA era cercar o império soviético de um modo em que conseguisse conter o avanço territorial do socialismo.

Foi dentro desse contexto, que o esporte foi usado como instrumento ideológico e de propaganda mundo afora, dentro de competições internacionais e principalmente nos jogos Olímpicos. Foi uma arma simbólica dos blocos opostos, onde campos de Futebol, pistas de corridas, viravam como campos de batalha e a vitória de determinado país era como se fosse a vitória do regime político correspondente, elas reafirmavam o prestígio e a soberania de cada regime, o que acabaria por causar grande rivalidade entre os atletas.

Um exemplo foi nas Olimpíadas de 1952 em Helsinque, capital da Finlândia, a União Soviética foi disposta a mostrar ao mundo a soberania do comunismo, mas antes nas Olimpíadas de Londres em 1948 eles abdicaram de sua participação e levaram até lá apenas olheiros e especialistas para analisar atletas e métodos de treinamento principalmente dos EUA, para nos próximos quatro anos investir pesado nos seus atletas, passando a eles a experiência do que foi aprendido e investindo nos projetos esportivos.

Nesse período houve essa enorme disputa ideológica entre os dois principais blocos, disputa essa que se estendeu em outras edições, como em 1980 em Moscou onde houve um boicote dos EUA, devido à intervenção militar feita na época pela União Soviética ao Afeganistão onde os EUA exigiam a retirada das tropas soviéticas, não havendo acordo, foi planejado um boicote norte americano, onde os EUA e mais 61 países não compareceram nas Olimpíadas de Moscou, o que acabou por prejudicar bastante aquela edição.

Em retaliação a esse fato, a União Soviética se negou há participar quatro anos depois nas Olimpíadas de Los Angeles, porém esse boicote não surtiu tanto efeito, em vista que eles conseguiram convencer poucos países a aderirem ao boicote, não prejudicando o evento. Isso mostra a importância e a ligação que o esporte em si traz com a política e seus governos, sempre sendo usado de uma maneira em que consiga por meio da paixão de sua sociedade pelo esporte, aproximar o governo e seu regime político tanto internamente, quanto na sociedade internacional, podendo expor por meio de suas vitórias esportivas o sucesso de seus regimes políticos.

Portanto nota-se que o esporte foi usado em diversas ações estratégicas e em propagandas políticas pelos seus governos. A década de 70 serviu principalmente para a introdução do esporte no mercado mundial, os órgãos esportivos como a FIFA e o COI perceberam a importância disso e passaram a negociar valores cada vez maiores em eventos e transações de atletas, inclusive negociações de direitos de transmissões para o mundo todo, o que ajudou para propagar os ideais que os países tentavam demonstrar por meio do esporte, o que antes era apenas uma amostra interna e sem muita divulgação, passa a se tornar mundial e a influenciar milhões de pessoas, que passam a se inspirar em novos ídolos ou heróis.

Na década de 80, o esporte foi inserido, definitivamente, no sistema econômico mundial e passou a ser um mecanismo financeiro sob influência das corporações transnacionais. (ARON, 1986, p. 93)

Apesar de no mundo o esporte já ser tratado como um instrumento político, no Brasil a chamada “Diplomacia do Futebol” começou a ser percebida recentemente e ainda é vista com desconfiança por pessoas da nossa elite política e diplomática. Porém, não há como negar que “o arsenal esportivo nacional pode representar fonte geradora de riquezas (exportação/captação de fluxos turísticos) e significar fator irradiador de imagem e prestígio internacionais” (VASCONCELLOS, 2011, p.23). Nota-se que o Futebol tem um grande potencial tanto financeiro como turístico para um país e suas relações exteriores.

Foi a partir do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-10) que o Brasil passa a ser mais importante e participativo dentro do cenário internacional, em todos os aspectos, inclusive na “diplomacia do Futebol”, com a transformação feita na política externa, passando a visitar diversos chefes de estado, a ter uma participação maior na ONU e um intenso esforço em busca de um assento permanente no Conselho de Segurança. Nosso governo passou a não economizar na atuação internacional, abrindo o leque e partindo também para o lado do esporte e do Futebol. Devido a seu carisma e imagem no exterior, Luiz Inácio Lula da Silva conseguiu elevar o Brasil a uma projeção internacional que nunca antes tinha sido vista.

Apaixonado declarado pelo Futebol, o presidente foi o grande incentivador da instrumentalização do esporte pela nossa diplomacia e como maior exemplo temos o conhecido “jogo da paz” entre o Brasil e Haiti, jogo que foi realizado em Porto Príncipe, capital haitiana, em 18 de agosto de 2004.

O presidente haitiano Jean-Bertrand Aristide havia sido deposto de seu cargo, o que fez com que o país entrasse em uma grave crise política, num local onde já não havia estrutura com uma estabilidade política e instituições democráticas. Então a pedido do novo presidente a ONU houve uma missão de paz internacional para garantir a transição pacífica do governo e a segurança da população local durante esse período, e quem estava no comando militar da missão era o Brasil, que contava com um efetivo de 6.700 soldados de vários países, incluindo brasileiros. Foi em um desses desembarques de soldados brasileiros em que o primeiro ministro

interino do Haiti em um tom até crítico disse: “Em vez de tropas, o Brasil deveria enviar sua seleção de Futebol”.

A partir daí, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva aprovou a ideia e decidiu realizar um amistoso entre as duas seleções. O Brasil, que na época contava com estrelas mundiais no Futebol como, Ronaldo, Roberto Carlos, Ronaldinho Gaúcho, enviou sua seleção e diante de um estádio totalmente lotado e um público extasiado, o Brasil goleou por 6x0 a seleção do Haiti. Com uma enorme repercussão mundial dessa partida o “jogo da paz” foi considerado um sucesso.

Percebendo o sucesso de utilizar o Futebol como instrumento política para aumento do prestígio internacional, o presidente se empenhou e muito para trazer ao Brasil os dois maiores eventos esportivos do mundo, a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. O alcance e a importância desses dois eventos não têm como expressar, os números mostram que não são apenas eventos de esportes, os ganhos financeiros estratosféricos, os patrocinadores e até o legado que eles deixam para o país, mostram que a importância diplomática desses eventos são enormes.

Utilizando os números de eventos anteriores em outros países entende-se o tamanho da repercussão e a visibilidade internacional que eles têm. A Copa do Mundo de 2002, que teve como sede a Coreia e o Japão (simultaneamente), teve uma plateia televisiva acumulada de 40 bilhões de pessoas, enquanto que a edição de 2010 na África do Sul ultrapassou essa marca. Isso mostra o porquê mesmo antes da transmissão televisiva, os regimes militares já propagavam suas ideologias pelo esporte.

No entanto, não são somente os governos que utilizam-se dessa instrumentalização, as organizações internacionais há muitos anos vem utilizando o esporte por meio de campanhas publicitárias para atingir determinados públicos alvos, principalmente crianças e adolescentes carentes. Como os maiores jogadores de Futebol tem uma história de vida sofrida, saindo das favelas, dos guetos, para brilhar nos principais campos do mundo e ganhar milhões de dólares, as crianças vêem neles exemplos para não desistirem dos seus sonhos e buscarem por meio do esporte um caminho melhor para seu futuro.

A UNICEF, por exemplo, estampava a sua marca numa das maiores camisas de clubes do mundo, o F.C Barcelona e sempre teve atletas de alto nível, como Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho, como embaixadores ou garotos propagandas.

Sendo assim eles percorrem o mundo divulgando programas assistenciais para causas humanitárias ou para uma mudança de paradigma da sociedade, como a UNESCO faz em campanhas associadas a clubes e seleções para o combate ao preconceito e o racismo.

3.4 O FUTEBOL UTILIZADO PARA MELHORAR A IMAGEM DO PAÍS

O Futebol, como já citado, foi usado diversas vezes por regimes políticos, governos, para exaltar seus ideais ou para ampliar sua área de repercussão e influência no sistema internacional. Agora será realizada a análise de exemplos de situações em que o Futebol teve sucesso para melhorar a imagem de um país, provando sua capacidade fora das quatro linhas do gramado e mostrando que o Futebol não é apenas um esporte.

Nas Copas do Mundo de 1934 e 1938, a Itália se sagrou duas vezes campeã do mundo, sendo que no primeiro título teve fortes suspeitas de favorecimento e de arbitragens escusas, foi aí que o líder fascista italiano Benito Mussolini percebeu o potencial que ele tinha em mãos:

As metáforas do futebol podiam ser assimiladas aos valores guerreiros, exatamente porque o futebol moderno nasceu nessa espiral belicista do fim do século XIX. Observem: atacar, estratégia, ganhar terreno, etc. Todas são expressões militares, do universo militar para o campo de jogo. Para o fascismo italiano, isso era maravilhoso. (AGOSTINO, 2005, p.34)

Desde o início do regime fascista eles incentivavam muito as atividades esportivas, construía piscinas, estádios, etc., e com as vitórias nas recentes edições da Copa do Mundo, Mussolini percebeu que a partir disso poderia mostrar a Itália ao mundo e consolidar internamente seu regime. “Afim, o potencial propagandístico de uma vitória na Copa, justamente no momento em que o regime o completava dez anos (1924-34) era imenso.” (FREIXO,2004, p.50).

Portanto, Mussolini iniciou as negociações e fez de tudo para levar o Mundial de 1934 para ser disputado na Itália, diante de várias suspeitas de subornos e com a exclusão da outra sede concorrente –a Suécia – o mundial foi oficializado na Itália. Após todo o planejamento feito pela cúpula fascista, no dia 10 de junho de 1934 na final do Mundial, em uma partida onde havia 75 mil espectadores, a seleção italiana venceu a Tchecoslováquia por 2 a 1, partida essa em que o trio de arbitragem antes

do apito inicial saudava Mussolini com seu sinal fascista, e na comemoração da torcida eles saudavam o Duce (Líder) e cantavam hinos fascistas, isso mostra como uma vitória em uma Copa do Mundo conseguiu alimentar o orgulho dos italianos.

Em 1938, a Copa do Mundo foi disputada na França, país com forte tradição liberal e democrática, com um sentimento muito forte de oposição ao fascismo. Perante a isso, Mussolini e a seleção italiana passaram a encarar o torneio como uma questão de honra. Em um dos principais jogos dessa edição o Brasil foi derrotado pela Itália por 2x1 e após a vitória o jornal italiano *La Gazzetta Dello Sport* teceu o seguinte comentário: “Saudamos o triunfo da Inteligência italiana sobre a força bruta dos negros” (GALEANO, 2004, p. 118).

Isso mostra o preconceito e arrogância que se instaurava ali, na final diante da Hungria, a Itália se sagrou bicampeã e esse jogo ficou lembrado até hoje pelo telegrama que Mussolini enviou antes da partida a seus jogadores que dizia: “Vencer ou Morrer”. Via-se que a importância de mais um título mundial para o governo fascista era enorme, e assim foi comemorado, em uma cerimônia oficial, com traje militar, os jogadores foram recebidos pelo próprio Mussolini e o jornal *La Gazzetta Dello Sport* saudava a vitória como “a apoteose do esporte fascista”.

Foi nesse sentido, que o Estado passou a querer exercer maior controle sobre o esporte, geralmente refletindo os regimes ditatoriais e centralizadores dos governos que estavam no poder.

Em 1978, a edição da Copa do Mundo foi na Argentina, apesar de estar em um período ditatorial, a escolha do país como sede se deu anos antes da implantação da ditadura. Tendo herdado o evento, o regime militar aproveitou da situação, sabendo da repercussão mundial que o evento causa. Eles viram ali uma chance de se projetar para o mundo, com um controle enorme sobre a competição fizeram com que ela fosse uma forma de propagar suas ideias nacionalistas internamente e melhorar a imagem do país externamente.

Além disso, a seleção Argentina tinha um forte time e uma real chance de ser campeão, o que facilitaria para um orgulho interno da população e conseqüentemente uma legitimação do regime, aumentando o isolamento dos opositores. Pois então, o governo fez o máximo para realizar um grande mundial, construiu estádios, investiu milhões de dólares em infra-estrutura e acabou por ganhar o apoio dos órgãos de imprensa e da opinião pública.

Começando a competição, o time argentino foi bem na primeira fase e se classificou apenas com uma derrota contra a Itália, no entanto foi na segunda fase a maior polêmica, em uma fórmula de disputa diferente da que temos hoje, a Argentina, Polônia, Peru e Brasil disputariam entre si uma vaga para a final, no primeiro jogo a Argentina derrotou a Polônia por 1x0 e em seguida empatou em 0x0 com o Brasil, com o Brasil e a Argentina empatados em números de pontos, restava ao saldo de gols definirem a classificação. O Brasil jogou antes e venceu por 3x1 a Polônia, então a Argentina precisaria golear o Peru por pelo menos 4x0 e em um jogo surpreendentemente fácil a Argentina fez 6x0 e carimbou sua vaga nas finais, o que é uma das mais controversas histórias do Futebol. A suspeita de fraude era clara e semanas depois o governo argentino doou 35 mil toneladas de trigo para o Peru, esse mistério ronda as duas seleções até atualmente.

Polêmicas a parte, a seleção Argentina disputou a final contra a Holanda, venceu por 3x1 e se tornou campeã mundial. Após o término da partida, as comemorações duraram dias e milhares de argentinos iam às ruas comemorarem, vivendo um êxtase total e esquecendo-se da ditadura que lhes oprimia, a ditadura de Jorge Rafael Videla acabou durando apenas cinco anos, porém foi um dos mais sangrentos regimes autoritários latinos, com milhares de mortos.

A ditadura brasileira também teve seu período de aproximação com o Futebol, após o golpe de 1964, o governo buscou esse alinhamento com o esporte e assim poder ter mais apoio da população, porém não começaram com o pé direito, após o bicampeonato brasileiro nas copas de 1958 e 1962, a seleção chegava como favorita a copa da Inglaterra em 1966, porém com péssimas atuações acaba sendo eliminada ainda na primeira fase do torneio, o que gerou uma enorme comoção.

Tal comoção levou a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) a modificar a estrutura da seleção, o cronista esportivo João Saldanha foi chamado para o cargo de técnico e usando jogadores dos três melhores times da época que eram: Cruzeiro, Botafogo e Santos, ele conseguiu uma excelente campanha e classificou a seleção para a copa de 1970, restaurando assim a confiança da população no time. Após o ano de 1968, que foi a fase mais repressiva da ditadura até então e a morte de Costa e Silva, o General Emílio Garrastazu Médici assume o governo, no final de 1969. Médici, que era um grande fã de Futebol, teve algumas divergências com Saldanha, por tentar se intrometer na escalação e convocação de alguns jogadores, Saldanha que era filiado ao partido comunista e, portanto opositor ao regime não

aguentou a pressão e as vésperas da Copa foi demitido do comando técnico da seleção brasileira.

Para o seu lugar foi contratado Mário Jorge Lobo Zagallo, que embarcou com a seleção para a Copa do Mundo do México de 1970, com uma mudança de esquema tático e um Futebol impecável, a seleção passeou nos seus adversários e após um 4x1 diante da Itália na final, trouxemos para casa o título, a primeira seleção da história a ser tricampeã mundial e tomar posse definitiva da taça Jules Rimet.

E foi assim ao som da canção tema da copa, conhecida como “Pra Frente Brasil”, de Miguel Gustavo, que a ditadura não hesitou em se aproveitar dos méritos conquistados nos gramados para propagandear o êxito como se fosse do próprio regime, principalmente de Médici, que além de trocar o técnico da seleção, acertou o placar da grande final, em um palpite dias antes para o jornal *O Globo*. Além do Futebol, o Brasil crescia economicamente na época, em torno de 10% ao ano, graças também ao crescimento geral da economia mundial, o que foi conhecido como “O milagre brasileiro”.

Nos tempos atuais, temos um exemplo de como a Diplomacia do Esporte pode ser usado para a imagem de um país, O Catar hoje se prepara para se projetar ao mundo, e não é graças ao petróleo, e sim ao Futebol. Em 2022, será realizada a primeira Copa do Mundo no Oriente Médio e o Catar será o país sede, apesar de várias suspeitas e até provas sobre compra de votos, que estão recaindo hoje sobre a FIFA, o país até agora não se abateu e vem investindo bilhões para mostrar ao mundo, que lá não se vive só de petróleo.

Esse projeto não surgiu do nada, nos últimos anos o Catar comprou clubes de Futebol, redes de televisão, até uma marca de artigos esportivos foi criada, para competir de igual pra igual com as marcas americanas e europeias. Outro objetivo deles é de diversificar suas fontes de rendas, hoje o país é totalmente dependente de óleo e petróleo e eles esperam com a propagação do Futebol no país e a Copa do mundo, poder diversificar principalmente com o investimento no turismo.

Uma curiosidade é que o país conta com apenas 1,1 milhão de habitantes, e por isso não pode ter um exército, então eles viram no esporte uma maneira de promover o país e agir diplomaticamente, ao mesmo tempo. Na Copa de 2022 são esperados milhares de turistas, não só pensando no lucro e sim em mudar também a

mentalidade das pessoas sobre a imagem da região, de serem países dominados pelo fanatismo religioso e terrorismo.

Em entrevista com o Diretor de marketing e comunicação do Comitê supremo Catar 2022, Nasser AlKhater, ele afirma “Você pode mudar drasticamente o perfil e a imagem de um país com um evento como este, é muito fácil olhar um noticiário e ver guerras, revoluções. Este é um momento único na história do Oriente Médio. Com a Copa do Mundo, queremos um renascimento da região, o ressurgimento de uma nova vida.”(CHADE,MAIA, 2013)

Apesar dos gastos mirabolantes de 400 bilhões de reais para sediar a Copa do Mundo, o Catar não encontra resistências do seu governo, eles consideram necessários e favoráveis esses investimentos na região, além de propagar a imagem do país para o mundo e “abrir suas portas” para milhões de turistas.

“O Catar encarna, mais do que qualquer outro estado, o que se pode chamar de diplomacia do esporte, o investimento no Futebol é produto de uma análise astuciosa de uma nova relação de força no mundo e de uma vontade profunda de existir num ambiente turbulento”, foi a declaração de Pascal Boniface, diretor do Instituto de Relações Internacionais em Paris, e considerado o maior pesquisador da relação entre a bola e a política internacional.

3.5 O FUTEBOL E O NAZISMO

Como mostrado principalmente no tópico anterior, os regimes políticos conseguiram perceber e compreender o papel do esporte como um instrumento de propaganda política, uma manipulação das massas por meio da instrumentalização política do esporte. O regime mais conhecido historicamente, que fez uso dessa diplomacia do esporte, não somente com o Futebol, mas também através das Olimpíadas, principalmente as Olimpíadas de 1936, é o nazismo, que enxergou a chance de mostrar ao mundo a nova Alemanha, reconstruída através do socialismo após ser derrotada na primeira guerra mundial.

Em 1936, Adolf Hitler e Joseph Paul Goebbels reconheceram o imenso poder propagandístico dos jogos e as Olimpíadas de Berlim passaram a ser supervisionadas diretamente pela cúpula nazista. Era

a oportunidade então de, segundo o poderoso ministro de Propaganda do Terceiro Reich, “a Alemanha receber todos os povos da Terra e mostrar a eles o quanto é capaz o povo alemão”. (VASCONCELLOS, 2011, p. 97)

Com o investimento feito nos esportes para se ter uma boa apresentação durante as Olimpíadas, a Alemanha conseguiu ser o país que ganhou mais medalhas nesses jogos. Mas, um acontecimento entrou para a história, um atleta negro norte-americano, chamado Jesse Owens, com um histórico desempenho no atletismo, conquistando medalhas de ouro em quatro modalidades diferentes. A cena mais emblemática dos jogos era a expressão vista no rosto de Hitler diante das vitórias de Owens, demonstrando total insatisfação com o resultado visto ali.

Além dessa insatisfação no atletismo, Hitler também se frustrou diante do Futebol, no dia 7 de agosto de 1936, frente a um estádio lotado e da presença de Führer a seleção alemã foi eliminada das Olimpíadas nas quartas de final para a Noruega, pelo placar de 2x0. Uma curiosidade é que os dois gols foram anotados por um atleta com o nome que lembrava ser de origem judaica, Isaaksen. Hitler que já não era um apreciador do Futebol ficou extremamente irritado, nessa que acabou sendo a única partida em que ele assistiu durante sua vida, para amenizar a derrota, o técnico Otto Nerz foi demitido logo após o término da partida. (AGOSTINO, 2002).

Hitler conseguiu nessa Olimpíada mostrar ao mundo o poder totalitário do nazismo alemão e sua excelente organização dos jogos, porém não obteve sucesso em demonstrar a suposta supremacia da raça ariana, que ele sempre se referiu.

Com o crescimento do nazismo, a Alemanha acaba se submetendo a um isolamento internacional, devido a grandes pressões de grupos antifascistas que atuavam em diversas regiões da Europa. Para tentar se aproximar mais do restante do mundo, antes da Segunda Guerra mundial a cúpula nazista passou a organizar excursões utilizando-se do Futebol. Em 1935, em uma excursão para a Inglaterra, foi realizada uma partida histórica contra os inventores do Futebol, a seleção alemã foi derrotada por 3x0. Três anos depois em 1938, a Inglaterra foi até a Alemanha, retribuindo a visita e diante de um Estádio Olímpico em Berlim lotado com mais de 100 mil pessoas, a Alemanha foi goleada por 6x3. Apesar de a aproximação pelo Futebol ter tido resultados positivos, a seleção alemã não demonstrou em campo tamanha efetividade, perdendo a maioria de suas partidas. (FREIXO, 2004).

Na Segunda Guerra Mundial ocorreu um episódio que até hoje é mundialmente conhecido, foi à partida de Futebol realizada em Kiev na Ucrânia, entre a equipe da Luftwaffe (Força Aérea Alemã) e o Start FC, clube que era formado por ex-prisioneiros de guerra, só que a maioria deles eram atletas profissionais, que inclusive atuavam nos dois principais clubes locais que haviam sido fechados pelos nazistas, o Lokomotiv e o Dínamo. Esses times eram à base da seleção Ucraniana, para se ter uma ideia da qualidade deles, em uma excursão da Seleção Turca à União Soviética em 1936, o Dínamo de Kiev goleou os turcos por 9x1.

A história do Start FC inicia-se após a ofensiva nazista na União Soviética em 1941, diversos jogadores juntaram-se ao exército e seguiram para frente de batalha, inúmeros deles foram presos e levados para campos de trabalhos forçados no interior do país ou até mesmo na Alemanha. Aqueles jogadores que eram considerados menos perigosos foram soltos e retornaram até Kiev, dentre eles estava o goleiro do Dinamo, Nikolai Trusevich, que conseguiu um trabalho na famosa Padaria Número 3, cujo dono era um fanático torcedor de seu antigo clube. A partir daí, Nikolai passou a procurar outros ex-companheiros de equipe e assim eles foram se tornando também funcionários da padaria e após conseguirem juntar oito jogadores do Dinamo e 3 do Lokomotiv, eles organizaram uma equipe de Futebol, o Start FC, que participou da liga local e arrasou todos os outros clubes, incluindo diversos clubes das tropas invasoras, entre eles o Luftwaffe, que após ser derrotado por 5x1, solicitou imediatamente uma revanche.

E foi no dia 9 de Agosto de 1942, no Zenit Stadium, que foi realizada a grande revanche, três dias apenas após a derrota por 5x1 e esse jogo ficou conhecido como o jogo da morte. O Luftwaffe solicitou reforço de diversos jogadores melhores das outras unidades militares e inclusive de um árbitro oficial da SS, uma tropa de elite nazista, ao fim do primeiro tempo o Start venciu a partida por 3x1, mesmo com diversas jogadas violentas dos alemães e a conivência da arbitragem. Durante o intervalo da partida o Start recebeu a visita de Giorgi Shvetsov, presidente da liga Futebolística local, acompanhado de um oficial da SS, eles aconselharam os jogadores soviéticos a entregarem a partida, dizendo que caso vencessem poderiam sofrer sérias consequências.

Mesmo com as ameaças, os jogadores voltaram a campo para o segundo tempo e venceram a partida por 5x3, com um lance no final da partida que o

zagueiro do time soviético driblou praticamente o time todo alemão, incluindo o goleiro e antes de deixar a bola cruzar a linha do gol, ele chutou a bola de volta ao meio campo, em claro sinal de humilhação e provocação aos alemães, em resposta as ameaças sofridas no intervalo.

Poucos dias depois o Start FC ainda voltou a campo contra um time local e golearam por 8x0, no que foi sua ultima partida. Após essa partida, os jogadores foram presos pelos nazistas e a padaria número 3 foi fechada, muitos foram torturados e executados pelos nazistas, apenas alguns jogadores se salvaram e foram enviados a campos de trabalho forçados, o Start FC entrou para a história ao não abaixar a cabeça aos nazistas, mesmo após ameaças. Até hoje no ZenitStadium, há uma placa em homenagem aos jogadores, com a seguinte inscrição: “Aos jogadores que morreram com a cabeça erguida ante o invasor nazista”. (FREIXO, 2004).

Com a queda do Muro de Berlim e o subsequente desmantelamento do bloco socialista, a Copa de 1990 acabou assumindo um papel simbólico extremamente relevante naquele momento histórico. Tendo ocorrido nos meses de junho e julho, na Itália, a competição seria a última disputada pela Alemanha Ocidental antes da reunificação com a Alemanha Oriental. O terceiro título da Alemanha Ocidental, conquistado com a vitória sobre a Argentina (1x0) na final, foi comemorado dos dois lados da antiga fronteira, como um símbolo da unidade nacional que se aproximava e de uma nova era que começaria para o país reunificado. (FREIXO, 2004, p.82-83).

Esses exemplos de como o Futebol e o esporte em geral foram utilizados para melhorar a imagem de um país, nos mostram como se deu o processo da instrumentalização do esporte e a sua importância, eles não eram utilizados apenas para projetar internacionalmente um Estado, mas também para fazer propagandas políticas de regimes, de um modelo de sociedade onde o esporte poderia ser uma ferramenta eficaz. Na maioria das vezes, esse instrumento de diplomacia do Futebol teve seus efeitos e até hoje é possível ver em diversos governos o seu uso e a sua importância.

4. FUTEBOL E O BRASIL: OS EFEITOS DOS GRANDES EVENTOS

4.1 O SIGNIFICADO DO FUTEBOL PARA O BRASILEIRO

O Futebol é algo especial para a maioria dos brasileiros, e isso não é de hoje, desde os tempos que o Futebol surgiu no Brasil, o seu sucesso se deu devido aos baixos custos para a prática do esporte. Com um campo de terra ou grama, uma bola e pessoas dispostas a se aventurar nesse esporte, a alegria estaria presente. Por ter essa facilidade em sua prática, ele abrange todas as classes sociais, desde o mais pobre até o mais rico podem praticar o Futebol e torcer por seus clubes.

Essa abrangência nas classes sociais foi um marco inclusive no começo da propagação do esporte em terras tupiniquins, no início do século XX a distinção de classes era enorme, a elite não se misturava, o Futebol foi um grande responsável por misturar a classe amadora e o profissionalismo. Um esporte onde os patrões e donos de empresas acabavam por jogar entre seus funcionários, inclusive na inclusão social onde os negros apesar de sofrerem preconceitos até hoje, tem uma enorme participação na miscigenação que ocorre principalmente no Futebol brasileiro.

Mesmo sendo um instrumento de atuação coletiva, o Futebol, principalmente no Brasil, serviu para proporcionar a sensação de vitória às classes menos favorecidas, que antes não tinham outra forma de atingir esse ápice, já que viviam em um profundo desnível de oportunidades. “Num país onde a massa popular jamais tem voz e quando fala é através de seus líderes, dentro das hierarquizações de poder, a experiência Futebolística parece permitir uma real experiência de ‘horizontalização do poder’” (DA MATTA, 1982, p. 56).

Sendo assim, o Futebol funciona no Brasil como uma ponte para quebrar a hierarquização social existente, por meio dele o brasileiro de uma classe baixa, identificando no Futebol um estilo verdadeiramente brasileiro, um estilo das massas, cria assim essa identidade nacional que perpetua para todas as classes sociais. “O Futebol, portanto, permite descobrir a nossa ‘alma’ e o nosso ‘coração’ de modo positivo, como uma coletividade que pode, sabe e faz muito bem as coisas. Somente isso justifica a imensa popularidade desse jogo entre nós”, (Da MATTA, 1982, p. 58).

O esporte foi um importante elemento na busca pela identidade nacional do nosso povo, principalmente quando falamos de eventos de destaque mundial como as Olimpíadas e Copa do Mundo. Nessas ocasiões, o sentimento de uma nação se tornava homogêneo, diminuindo as diferenças internas, o povo junto torcia e vibrava em torno de um ideal comum, alguns exemplos como a Copa do Mundo de 1938 e 1970 nos mostram que a mídia e o governo ajudam a capitalizar esse sentimento, justamente, pois era do interesse deles na época um país mais unido e focando em outro assunto, para desviar de problemas internos e assim os governos usavam o Futebol como um importante instrumento político.

A copa de 1938, disputada na França, foi um evento de grande importância para firmar o Futebol enquanto aliado do projeto de construção de uma unidade nacional proposto pelo estado novo (1937-1945) (FREIXO, 2004). Devido a isso, a mídia e o governo buscaram criar no povo brasileiro um sentimento de orgulho de sua pátria e mesmo com a terceira colocação no mundial os jornais da época escreviam um discurso sobre a mobilização dos brasileiros e estrangeiros que viviam aqui, em torno da seleção brasileira.

A conquista da seleção brasileira do tricampeonato mundial em 1970 fez do Brasil uma referencia mundial no esporte, tínhamos o melhor jogador do planeta, Edson Arantes do Nascimento – Pelé – que juntamente com uma geração de ouro encantou o mundo, eles refletiam a ginga, a genialidade, o imprevisto e a esperteza do povo brasileiro. E foi justamente em um momento onde a população não tinha com o que se alegrar no seu dia a dia, o Brasil passava por momentos turbulentos com o período da Ditadura Militar e o general Médici, então presidente do país, soube como lidar muito bem com essa situação, com apoio total ao Futebol ele não media gastos com a seleção, com o sucesso em campo ele via um respaldo dessa paixão brasileira chegar até o seu governo, ao som da música “Pra frente Brasil”, a população apoiou a seleção e conseqüentemente diminui a afronta ao governo ditatorial da época.

No que se refere a cultura, este período foi marcado pela confluência do samba e do futebol como elementos fundamentais para uma nova definição de identidade nacional. O samba, nascido nos seios das camadas populares, conquistava a elite, enquanto o futebol, que tinha seu berço brasileiro coberto de ouro, era o grande amor das massas. Ambos, no entanto, compunham a descrição do que era ser brasileiro. (DRUMMOND, 2008, p 46).

Outro ponto importante da propagação do Futebol no Brasil foi sobre a presença massiva de europeus estrangeiros no início do século XX, grande parte da origem dos nossos clubes foram deles. Concentrados nas principais cidades brasileiras que eram São Paulo e Rio de Janeiro, esses imigrantes contribuíram direta e indiretamente para a disseminação do Futebol no país, inclusive alguns estudiosos, como antropólogo e sociólogo Gilberto Freyre, defendem a tese de que o talento brasileiro era resultado da miscigenação entre negros, europeus e índios.

Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de futebol, e esse estilo é uma expressão a mais do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, curvas ou em músicas, as técnicas européias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam elas de jogo ou de arquitetura. (FREYRE, 1945, p. 432).

A partir daí o Futebol seguiu sendo fundamental para a cultura brasileira, pois era importante não somente nos campos, mas também influenciava em mudanças políticas, econômicas e sociológicas. O que acontecia no campo era influenciado e influenciava os rumos do país, como diz Freyre, a modalidade tomou uma importância especial em uma sociedade que deixava para trás os elementos primitivos.

“Mesmo o futebol se relacionando a estratégias políticas ao longo de sua história, sua maior riqueza é ser socialmente um esporte que proporciona momentos únicos de diversão e confraternização, a pelada aos finais de semana, ou a partida num campo de terra improvisado. O futebol desperta em todos apaixonados um sentimento de irmandade coletiva, onde fatores raciais, religiosos ou sociais são pulverizados em meio ao sentimento de torcer pelo mesmo time ou seleção.” (Da MATTA, 1982, p. 60)

A identidade nacional no Brasil cresceu paralela ao esporte, porém outros segmentos o acabaram incorporando, até hoje o Futebol se faz presente em livros, músicas e até filmes, isso mostra que as influências do brasileiro de um modo geral são regidas e influenciadas pelo Futebol. Como exemplo, temos uma poesia sobre o esporte, autoria de Carlos Drummond de Andrade:

*Futebol se joga no estádio?
Futebol se joga na praia,
futebol se joga na rua,
futebol se joga na alma.
A bola é a mesma: forma sacra
para craques e pernas de pau.
Mesma a volúpia de chutar
na delirante copa-mundo
ou no árido espaço do morro.
São vôos de estátuas súbitas,
desenhos feéricos, bailados
de pés e troncos entrançados.
Instantes lúdicos: flutua
o jogador, gravado no ar
— afinal, o corpo triunfante
da triste lei da gravidade.*

4.2 A COPA DO MUNDO NO BRASIL

A Copa do Mundo no Brasil começou muito antes de 2014, ela se inicia junto com o primeiro mandato do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-10), que é um apaixonado por Futebol, fanático torcedor do Sport Club Corinthians Paulista, frequentava as arquibancadas nos jogos e nunca escondeu seu amor e admiração por esse esporte, era a personificação da paixão brasileira pelo jogo e acabaria sendo o grande incentivador da sua instrumentalização pela nossa diplomacia (FREIXO, 2014).

Durante o governo Luiz Inácio Lula da Silva, o termo ‘diplomacia do Futebol’ começou a se popularizar e a fazer parte da política externa brasileira, que buscava incansavelmente uma maior participação na sociedade internacional, em variados assuntos, reforçando a atuação internacional do Brasil principalmente na América Latina, junto às potências emergentes e organizações multilaterais, tudo isso para

um objetivo maior, que era o assento permanente no Conselho de Segurança da ONU.

O maior exemplo da diplomacia do Futebol usada por Luiz Inácio Lula da Silva foi o histórico Jogo da Paz entre Brasil e Haiti, como já foi mencionado antes aqui, a partir daí nosso governo percebeu que poderia ter uma aproximação maior com o restante do mundo a partir do Futebol, o que para o Brasil é mais fácil, já que o mundo inteiro nos reconhece como 'o país do Futebol', com cinco títulos mundiais e diversos jogadores mundialmente famosos.

Dentro dessa lógica, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva se mobilizou pessoalmente e se esforçou ao máximo perante a FIFA para trazer os dois maiores eventos esportivos mundiais para o Brasil, a Copa do Mundo e as Olimpíadas. No dia 30 de Outubro de 2007, a FIFA ratificou o Brasil como país sede da Copa do Mundo de 2014, ganhando das concorrentes Argentina e Colômbia, que também tinham interesse em sediar o mundial. Em 31 de maio de 2009 foram escolhidas as 12 cidades sedes do evento: Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo, Fortaleza, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Cuiabá, Manaus, Natal e Curitiba.

A importância diplomática de eventos mundiais como esse é enorme, pois ele pode alterar a percepção de turistas que viajam para cá e antes tinham outra visão do país, além dos eventuais ganhos econômicos com os milhões de turistas que circulam dinheiro na nossa economia, além do próprio legado que o torneio em si deixa para o país, em infra-estrutura e culturalmente também.

Mais do que apenas um evento esportivo, o governo tinha na Copa do Mundo a intenção de dar uma dimensão esportiva a um protagonismo universal, era 2007 o ano em que o Brasil se candidatou, a boa fase da economia brasileira atraía investidores e nossa diplomacia buscava diálogos com os principais países em busca do assento no Conselho de Segurança. Ele enxergava na diplomacia do Futebol um grande atalho para elevar o patamar do Brasil mundialmente.

A Copa do Mundo no Brasil fora das quatro linhas ficou marcada por uma enorme interligação com a política. Uma população com enorme descontentamento com o governo e com os gastos exorbitantes com o mundial, foi às ruas protestar contra a FIFA e o governo da nossa então presidente Dilma Rousseff.

Um ano antes da Copa, em 2013 o evento era a Copa das Confederações, uma espécie de evento teste, com um menor número de seleções e estádios, porém o que se viu nas ruas foram protestos de milhares de pessoas no Brasil todo.

Tais protestos tiveram causas múltiplas e serviram como catalisadores para insatisfações latentes em setores bastante distintos da sociedade, o que acabou se traduzindo em uma gama variada de bandeiras e reivindicações, que transformaram as ruas em um espaço real de disputa entre grupos e segmentos sociais com diferentes visões do mundo, "(FREIXO, 2014, p. 107)

Chegando o período da Copa do Mundo, junho de 2014, o Brasil estava a apenas alguns meses das eleições e logo no jogo de abertura do mundial, a então presidente Dilma, que era candidata à reeleição, foi alvo de vaias e insultos ensurdecedores das arquibancadas.

Foi aí que o governo se sentiu um pouco inseguro, o maior evento esportivo do mundo que era para propagar uma imagem positiva da nossa política, poderia acabar tendo o efeito contrário, mas havia a esperança que com uma grande campanha da seleção, a paixão do povo pudesse mudar o foco dos protestos.

A seleção brasileira iniciou o torneio vencendo, porém não empolgando, nos três jogos da fase de grupo nós vencemos dois e empatamos um, conseguindo a classificação no primeiro lugar do grupo.

Já nas oitavas de final, o Brasil viu que o time não era tão bom quanto se pensava e contra a seleção chilena passou no sufoco em uma disputa de pênaltis muito acirrada. Nas quartas de final conseguimos passar pela seleção da Colômbia e o povo já se empolgava com a possibilidade de enfim um primeiro título mundial conquistado em terras brasileiras e foi aí que veio um “balde de água fria” em todos, incluindo o governo.

Nas semifinais, o Brasil se encontrou com a sensação do torneio, a seleção da Alemanha e sem a sua estrela maior, o menino Neymar Jr, que se contundiu no jogo anterior e se despediu da delegação brasileira para tratar sua lesão, o Brasil e todos os brasileiros ainda mantinham a confiança de fazer um grande jogo, tínhamos o fator casa e o apoio da torcida.

No dia 8 de Julho no estádio do Mineirão em Belo Horizonte, houve o jogo que ficou marcado como o ‘Mineiraço’, em alusão ao ‘Maracanaço’ de 1950, onde na final do mundial o Brasil perdeu para a seleção do Uruguai, no até então único mundial disputado no Brasil.

Essa semifinal entrou para a história como a maior goleada já sofrida pela seleção brasileira em um jogo de Copa do Mundo, numa partida onde a seleção foi

irreconhecível, a Alemanha passeou no Mineirão e aplicou uma goleada histórica de 7x1. Milhões de brasileiros sofreram e choraram com a seleção. Uma eliminação tão emblemática assim não tem efeitos apenas dentro das quatro linhas, com certeza seria melhor para o governo brasileiro que o Brasil ganhasse a copa, como foi em 1970 na época do regime ditatorial e o general Médici, pois a percepção da sociedade otimista tende a favorecer quem está no governo, enquanto uma percepção pessimista influencia e favorece a oposição desse governo.

Do ponto de vista estrutural, muito se criticava antes da copa, dizia-se que teria caos aéreo, não haveriam vagas em hotéis e dificuldades de locomoção, porém para a maioria dos turistas que aqui vieram, foram só elogios para o Brasil, pode-se dizer que a Copa foi um enorme sucesso, com o calor humano do povo brasileiro, os estrangeiros se sentiam em casa. Não houve maiores problemas em infra-estrutura e tudo seguiu conforme o planejado. Alguns comentários de turistas:

Florent Garnerot, do Canadá-“Aqui os casais se beijam e demonstram afeto em público, o que não acontece no Canadá”.

Joe Bauman, dos Estados Unidos- “Achei estranho ver que muitas famílias de classe média têm empregadas domésticas. Nos EUA, só os ricos têm. Fiquei um pouco desconfortável de ver que uma estranha ia fazer minha cama, lavar minha roupa ou preparar meu café da manhã. Fiquei impressionado de saber que os adultos são obrigados a votar. Nos Estados Unidos, temos taxas vergonhosamente baixas de comparecimento nas eleições”.

Luka Jesih, da Eslovênia - "Fomos tão bem recebidos em Cuiabá, que isso me marcou. Você perguntava algo e te indicavam tudo, te convidavam para churrascos." (MANTOVANI, 2014)

Mesmo com todos os protestos e com o vexame histórico da seleção Brasileira, a Copa do Mundo no Brasil foi considerada um sucesso, apesar de hoje termos vários estádios parados, em regiões onde se usa pouco o Futebol, que foram gastos milhões de reais, esse era um problema já previsto e que mesmo assim não foram capazes de solucionar.

A Copa mostrou também que nem sempre um mal rendimento dentro de campo vai influenciar nas eleições, talvez por falta de opções de confiança, ou não. Alguns meses após o fim do mundial, o povo brasileiro foi às urnas e apesar de eleições muito acirradas, a presidente Dilma Rousseff foi reeleita para mais um mandato de quatro anos, agora resta saber se com o exemplo da Copa do Mundo, o

governo vai direcionar melhor os gastos e verbas públicas, para não sofrer dos mesmos protestos durante as Olimpíadas de 2016.

4.3 AS OLIMPÍADAS NO BRASIL

Como foi dito no tópico anterior, as Olimpíadas no Brasil também são influenciadas pelo governo Luiz Inácio Lula da Silva e de sua instrumentalização do esporte por meio da Diplomacia. Além da Copa do Mundo que já foi realizada em 2014, o Brasil sediará o maior evento esportivo do mundo em 2016, com sua sede principal no Rio de Janeiro e algumas outras sub-sedes como São Paulo para o Futebol. As Olimpíadas no Brasil tem tudo para ser histórica, já que é o primeiro evento olímpico que o Brasil irá sediar.

Após uma das melhores participações nos jogos pan-americanos no quesito medalhas, o Brasil se prepara para tentar bater o seu recorde nas Olimpíadas, mesmo ficando atrás de grandes potências como China e Estados Unidos.

Apesar do significado e da importância política de um evento como esse, cabe aqui ressaltar algumas coisas, o Brasil não tem um histórico de desenvolvimento social ou educativo através do esporte, tirando o Futebol, o restante dos esportes cresce de maneira disfarçada.

Nossas escolas apesar de incentivarem a prática do esporte, não tem estrutura suficiente para tal, conseguindo dar um suporte somente nos principais esportes como Vôlei, Basquete e Futebol. Cabe ao governo um incentivo e uma estruturação aos atletas de diversas modalidades, mas esse incentivo tem que ser feito desde a infância, como ocorre em colégios americanos, por exemplo, não é a toa que os EUA nos jogos Olímpicos estão sempre em primeiro ou segundo lugar.

Nas escolas, o esporte pode ser um instrumento de inclusão social, aumentando a auto-estima e autonomia dos alunos, em um contexto da sociedade brasileira onde existe uma grande desigualdade social. No esporte, os alunos de classes mais baixas podem achar um meio de crescer profissionalmente e se integrar a uma sociedade, onde senão fosse pelo esporte talvez não houvessem oportunidades, propiciando assim as crianças um futuro, para se tornarem sujeitos transformadores da realidade social vigente.

É importante para o país enxergar nessa realização de um evento desse porte, a importância que o esporte tem na vida da sociedade, não só politicamente

ou economicamente, mas principalmente o lado social, onde num país com grandes diferenças de classes, o esporte talvez possa tentar equilibrar um pouco as coisas.

Mesmo as Olimpíadas sendo um evento menor que a Copa do Mundo, ainda é um dos maiores eventos de alcance midiáticos no mundo. Estima-se que em 2016, ela seja vista por cerca de cinco bilhões de pessoas em mais de 200 países diferentes. A partir daí se encerrará no Brasil, um ciclo onde em dois anos, nós sediamos dois eventos de alcance inimagináveis e podemos mostrar ao mundo uma capacidade de organização e recepção que nunca alcançaríamos no dia a dia.

Não é a toa que o atual presidente da EMBRATUR, Vinícius Lummertz, afirma que um dos maiores herdeiros desses legados de grandes eventos é o turismo. Em 2014, na Copa do Mundo, o Brasil recebeu cerca de 6,4 milhões de turistas, que movimentaram algo em torno de US\$ 7 bilhões. Esses números dão a dimensão da capacidade midiática de uma Olimpíada e o quanto o Brasil tende a ganhar com esse evento, caso consiga se estruturar e recepcionar os milhões de turistas, que viram pra cá.

Trazer um evento como esse para o país é um grande desafio e necessita de muito investimento, porém o prefeito do Rio de Janeiro Eduardo Paes diz que essa Olimpíada será marcada pela economia de recursos públicos, obras finalizadas no prazo e um legado econômico e social significativo.

No entanto, especialistas dizem que por ser um evento menor que a Copa do Mundo, os efeitos na sua economia são menos relevantes ainda. Para começar o torneio dura apenas duas semanas, metade do tempo da Copa do Mundo e ocorre apenas em uma cidade sede, com exceção ao Futebol. Seria então mais um ganho em longo prazo, pois a exposição que o evento traz, caso não ocorra nenhum incidente grave, é atrair mais pessoas que vieram e queiram voltar ao país futuramente.

Se do ponto de vista econômico não parece surtir tanto efeito, as Olimpíadas são uma grande oportunidade para deixar um legado importante no campo social e esportivo, o que beneficiará todos do país, talvez até transformando o Brasil numa 'potência esportiva'.

E para a Diplomacia, a história mostra casos de sucesso onde governos investiram alto para ter um bom rendimento dentro das Olimpíadas e assim conseguiram um forte apoio da população para seus regimes ou até crises que estavam passando.

Com um impacto menor que o Futebol, pois no Brasil nada supera a paixão por esse esporte, uma boa colocação nos jogos Olímpicos pode trazer melhorias significativas diplomaticamente falando, melhorando a imagem do Brasil mundo afora, se mostrando um país organizado e competente para realizar grandes feitos.

Uma situação que não se pode deixar passar é a preocupação que vem ocorrendo desde o dia 13 de novembro de 2015, quando os atentados terroristas do grupo Estado Islâmico atingiram a cidade de Paris, capital da França, deixando 129 mortos e mais de 300 feridos. Foram ataques simultâneos que ocorreram em alguns pontos da cidade, inclusive explosões que foram ouvidas de dentro do Stade de France, onde ocorria uma partida amistosa entre as seleções da França e Alemanha, além da presença do presidente Francês e outros membros de seu governo.

Na data do dia 17 de novembro, mais duas partidas que seriam realizadas, uma na Bélgica e outra na Alemanha, tiveram suspeitas de bombas e de ações terroristas. Esses acontecimentos vêm deixando uma preocupação enorme com a realização das Olimpíadas no ano que vem, pois por se tratar de um evento de proporções globais, poderia ser facilmente um alvo de atentado terrorista, onde ali eles poderiam mostrar ao mundo seu 'poder' de destruição.

Apesar dos temores, o governo brasileiro afirma que por enquanto não irá alterar o esquema de segurança que já foi preparado. No passado, as Olimpíadas já foram alvo de terroristas. Em 1972, cinco atletas israelenses e mais seis treinadores foram seqüestrados e assassinados, no atentado que ficou conhecido como 'Massacre de Munique'. Em 1996, outro atentado deixou dois mortos e 111 feridos vítimas de uma explosão que ocorreu nas proximidades de um local onde eram realizados os jogos em Atlanta (EUA).

Em um país como o Brasil, onde o terrorismo não é reconhecido na lei nem como crime, precisa-se ter muita cautela com a segurança e com o terrorismo, além de acelerar ao máximo medidas judiciais que punam simpatizantes e atos terroristas. Mesmo o Brasil sendo um país neutro nessa questão internacional, como ataques a Síria, que são no momento o principal motivo de retaliação por parte do EI, não se pode ignorar o poder deles e suas pretensões, ainda mais nesse momento tão delicado onde a Europa e a América estão vivendo em clima de tensões e ameaças constantes.

4.3 O FUTEBOL BRASILEIRO É O PÃO E CIRCO POLÍTICO?

Para começar é importante lembrar que a política de pão e circo foi criada na antiga Roma e tinha como objetivo fornecer a população apenas alimentação e diversão, pode parecer divertido, mas na verdade é uma estratégia de alienação, onde o povo ficava de barriga cheia e se divertindo, sem tempo e nem vontade de se rebelar contra seus imperadores. Hoje se pode dizer que ocorre o mesmo com o Futebol?

É evidente que a mídia, jornais e até alguns anos atrás, a rádio, sempre deram uma audiência enorme em cima do Futebol, criando uma espetacularização, fazendo com que as pessoas se prendam a ele, dando assim mais importância aos assuntos relacionados a esse esporte, do que aos problemas sociais, políticos ou econômicos. Um exemplo novamente citado aqui é sobre o ano de 1970, onde a seleção com a conquista do tricampeonato mundial embalou a população de tal maneira que eles se esqueceram do regime ditatorial que viviam, das represálias, perseguições e torturas que sofriam durante o governo de Médici.

Por coincidência ou não, as edições de Copa do Mundo ocorrem justamente em anos de eleições presidenciais no Brasil, ou seja, o momento político de maior importância e que ocorre de quatro em quatro anos, poucos meses depois o maior evento esportivo do mundo. Desse modo, o Futebol, com ajuda dos meios de comunicação, serviu e ainda serve para propagandas políticas de vários governos.

Como o povo brasileiro é conhecido por ser apaixonado por Futebol, sua imagem sendo explorada exaustivamente contribui para uma manipulação das massas, de acordo com a tendência que a mídia impõe, perdendo assim a essência do esporte, daí surge o famoso termo, a política do pão e circo, onde um pão sem nutrientes que somente engorda os detentores do poder e um circo que apenas diverte e nada acresce para a formação de um pensamento crítico da população.

O Futebol hoje, mais do que um jogo, é um negócio que movimentava valores entre US\$ 400 bilhões e US\$ 1 trilhão anualmente e possui mais de 3 bilhões de torcedores em todo o planeta. (BELO, 2013). Esse número elevado que gira em torno de um esporte comprova porque hoje o Futebol é tão super valorizado se tratando de valores, com transações de jogadores e transferências que movimentam bilhões de dólares. Um jogador apenas já chegou a valor 100 milhões de euros, que é o Cristiano Ronaldo, o recorde de transação mais cara da história. São cifras

extremamente elevadas para 95% da população mundial, se os clubes têm esses valores para pagar em transações, fora o que gastam de salários com essas estrelas do esporte, imaginem o quanto que eles não arrecadam.

Graças a isso, a FIFA hoje é uma das organizações não governamentais internacionais mais poderosas financeiramente (EISENBERG, 2006) e além disso, ela consegue transformar seu enorme poderio econômico em influência política, como exemplo, há poder que a FIFA tem internamente nos países que vão sediar alguma edição da Copa do Mundo, ela consegue acelerar entraves judiciais, alterar legislações, seja o que for para que o evento se concretize com sucesso.

Como ocorreu na Copa do Mundo no Brasil em 2014, onde a população foi às ruas em protestos contra o governo e contra a FIFA, principalmente pelos altos valores gastos em estádios para a Copa, estádios que em sua maioria hoje são completos elefantes brancos, construídos em lugares onde não se tem uma rotina de Futebol e dão gastos enormes mensais sem retorno algum para o governo. Sem contar as denúncias de corrupção e superfaturamento. Que houveram na maioria das construções para a Copa do Mundo, que hoje ninguém mais fala nisso e as investigações não conseguem seguir adiante.

Para comprovar essa tese de corrupção, recentemente o FBI prendeu sete dirigentes da entidade maior do Futebol, suspeitos de corrupção, envolvendo montantes que chegam a até US\$150 milhões, além das investigações que continuam, em cima de suspeitas de suborno nos países-sede das Copas do Mundo de 2018 no Catar e 2022 na Rússia.

Dentre esses presos, estava o nosso até então presidente da CBF, entidade máxima que comanda o Futebol brasileiro, ele que está até hoje cumprindo prisão em regime semi-aberto, dentro de sua mansão nos Estados Unidos. Além dele outros brasileiros estão sendo investigados, como José Hawilla, dono da TrafficGroup, agência de marketing esportivo com enorme influência no Futebol brasileiro, poisé dona de direitos de transmissão, patrocínio, direitos federativos de jogadores, além de empresas de comunicação.

A corrupção principalmente na FIFA já é algo que vem gerando suspeitas há muito tempo, desde quando o brasileiro João Havelange assumiu a presidência da FIFA na década de 70, ele transformou a entidade em uma máquina de arrecadação, foi acusado de favorecer empresas como a Adidas, que supostamente financiou a sua eleição e em troca foi a detentora dos direitos dos eventos FIFA por

muitos anos. O dirigente brasileiro foi suspeito de envolvimento em várias outras negociações, incluindo propinas e subornos, práticas que o seu sucessor e até hoje presidente da FIFA Joseph Blatter teria dado continuidade. Agora com as prisões feitas pelo FBI e a investigação atingindo níveis nunca antes alcançados, Blatter pensa finalmente em pedir renúncia e abrir espaço para algum que algum novo presidente possa tentar limpar a imagem da entidade.

Após décadas, segundo a denúncia, de corrupção descarada, o futebol internacional organizado precisa de um novo começo - uma nova chance para suas instituições fazerem uma vigilância honesta e apoiarem um esporte amado pelo mundo. Deixe-me ser claro: essa denúncia não é o último capítulo da nossa investigação. Kelly T. Currie – Procurador do FBI (KELLY, 2015, SN)

Isso mostra que a corrupção, o pão e circo no Futebol não é algo exclusivo do Brasil, mas sim de muitos outros lugares. O que o povo brasileiro precisa fazer não é deixar de ser um apaixonado pelo Futebol, é sim ter o discernimento para não criar uma alienação Futebolística e conseqüentemente esquecer os problemas sociais, econômicos e políticos do país.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com todos os exemplos que verificamos neste estudo, fica evidente a importância do esporte dentro das relações internacionais, mesmo não sendo um tema muito utilizado ainda. Na Alemanha e Itália, na década de 1930, notou-se a utilização do esporte para promover o governo do país. No Brasil, na década de 1970 durante a ditadura militar mostra-se também o sucesso do esporte envolvido na política, quando a partir de títulos a população passa a ter uma aceitação maior do governo em um contexto geral, formando uma identidade nacional que acaba fazendo com que a sociedade esqueça-se dos problemas que possam estar passando.

Mostramos também o pão e circo no qual o Futebol se tornou um esporte que hoje movimenta no mundo entre US\$400 bilhões e US\$ 1 trilhão, tem extrema importância econômica no mundo, principalmente com a realização de seus grandes eventos e infelizmente isso facilita a corrupção, como vimos no caso da Copa do Mundo no Catar em 2018, em que foi conquistada a garantia de ser sede do Mundial, com muitas suspeitas de suborno, levando o FBI a prender vários diretores da FIFA.

Foi possível também ver o lado positivo do Futebol e do esporte na inclusão social, na construção de uma sociedade mais justa, um esporte que é uma paixão nacional, consegue mexer com sentimentos e emoções de um país inteiro, nas conquistas de seus clubes ou seleções, isso cria uma auto-estima coletiva que acaba por influenciar de forma direta na sociedade. Por meio do *soft power* os governos podem fazer uso da 'diplomacia do Futebol' para atingirem objetivos que possivelmente não conseguiriam tão facilmente de outras maneiras.

O esporte não é uma ferramenta de várias facetas e capaz de mudanças estruturais, porém ele pode ter uma representatividade efetiva para países e movimentos sociais. Analisando os exemplos já citados aqui vemos que o esporte tem um importante uso como ferramenta de promoção nacional e de prestígio, tanto interno quanto externo.

A Diplomacia do Futebol como foi vista no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi importante para levar o nome do Brasil mundo afora, comparando a sua política externa com a da então atual presidente Dilma Rousseff vemos uma enorme diferença em viagens a outros estados, visitas para chefes de estados, e

também no uso do esporte como diplomacia pública, ao redor do mundo todo quando se fala em Brasil, a primeira coisa que vem na cabeça das pessoas é o futebol arte, o futebol brasileiro, então através dessa diplomacia deve-se aproveitar este cenário favorável para utilizar o esporte pelo meio do *Soft Power*.

O Futebol pode ser visto como uma forma branda e eficaz para estreitar laços com outros países, para atrair pessoas e turistas e até investimentos para o seu país, através da realização dos grandes eventos esportivos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Através dessa instrumentalização é possível sim ver o esporte como algo maior do que somente um jogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou morrer. Futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro, Mauad, Faperj, 2002.

AGOSTINO, Gilberto. Futebol e identidade nacional: todos os corações do mundo. São Paulo, Senac, 2005.

AMAZARRAY, Igor Chagas. Futebol: O esporte como ferramenta política, seu papel diplomático e o prestígio internacional, 2011, Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/40288>>. Último acesso em 25 de Setembro de 2015

ARON, Raymond. Os últimos anos do século. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987

BELO, Eduardo. Um país sem esquema tático. São Paulo, Valor econômico, 2013

BERTUOL, Mayara, CALÇADO, Danilo. A Profissionalização do futebol, 2010, Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/2374/1801>> Último acesso em 20 de Setembro de 2015

CALDAS, Waldenyr. Temas da cultura de massa: música, futebol, consumo. São Paulo, Arte e Ciência, 1994.

CHADE, Jamil, MAIA, Leonardo. Mundial do oriente médio, 2013, Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,mundial-do-oriente-medio-sera-usado-para-melhorar-a-imagem-do-catar,1053193>>. Último acesso em 17 de Setembro de 2015

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. Revista da USP (Dossiê Futebol). São Paulo, n.22, 1994

DRUMMOND, Maurício. Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón. Rio de Janeiro, Apicuri, 2008.

EISENBERG, Christian. Fifa et politique 1945 – 2000. Paris, ÉditionsAutrement, 2006.

FILHO, Mário. O negro no futebol brasileiro, 4. Ed. Rio de Janeiro, Mauad, 2003.

FOER, Franklin. Como o futebol explica o mundo – um olhar inesperado sobre a globalização. São Paulo, Editora Zahar, 2005

FREIXO, Adriano de. Futebol, o outro lado do jogo. São Paulo, Editora Desatino, 2014

FREYRE, Gilberto. Sociologia. Rio de Janeiro, José Olympio, 1945

GALEANO, Eduardo. Futebol ao sol e à sombra. Porto Alegre, LP&M, 2004

GUIMARÃES, Bruno Gomes. O exercício do soft Power: Futebol e o caso brasileiro, 2011, Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs->

2.2.2/index.php/interacao/article/view/12714> Último acesso em 10 de Setembro de 2015

HOBBSAWN & RANGER, Terence. A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997

MANTOVANI, Flávia. Veja o que surpreendeu os estrangeiros. 2014, Disponível em: <<http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2014/07/aplaudir-por-do-sol-abracar-veja-o-que-surpreendeu-os-estrangeiros.html>> Último acesso em 19 de Setembro de 2015

NYE JR, Joseph. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. New York, PublicAffairs, 2004

OLIVEIRA, Frank Alves. O contrato de trabalho do jogador de futebol (Monografia), Goiânia, 2002

REEVEL, James. Entenda o escândalo de corrupção na Fifa, 2015, Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150527_entenda_fifa_lab> Último acesso em 26 de Setembro de 2015

RESENDE, C. A. R.. O Esporte na Política Externa do Governo Lula: o importante é competir?. Revista Meridiano 47, vol. 11, n. 122, 2010.

SENHORAS, Elói Martins. Esporte, relações internacionais e a diplomacia esportiva brasileira, 2014, Disponível em: <<http://www.mundorama.net/2014/06/30/esporte-relacoes-internacionais-e-a-diplomacia-esportiva-brasileira-por-eloi-martins-senhoras/>>

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. Esporte, poder e relações internacionais. Brasília, Funag, 2011